

H. J. 9854

1

# CARTAS DIRIGIDAS

A

S. M. EL-REY D. JOAO VI.

DESDE 1817.

A CERCA DO ESTADO DE PORTUGAL E BRAZIL,

E

OUTROS MAIS DOCUMENTOS

ESCRITOS.

Colen

POR

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO,  
MINISTRO ENCARREGADO DE NEGOCIOS

DO

MESMO SENHOR

JUNTO

DA CONFEDERAÇÃO HELVETICA.

LONDRES.

NA IMPRECAÇÃO DE MESS. COX E BAYLIS,  
Great Queen Street, No. 75.



## PREFACIO.

---

Hæ hum dever, e do meo maior interesse fazer vêr á Nação Portugueza a minha eonducta, muito mais havendo quem a queira ter por equivoea. Quando escrevi oque agora publico nunca tive em vista que o bem da minha patria, e do meo Soberano, e jamais que fosse obrigado hum dia a publicalo.

Quando qualquer se dirige a hum Soberano, que se aeha eereado de intriguistas e adula-dores: por mais coragem e franqueza, que tenha não se pode servir de huma lingoagem pura e austera; por isso espero, que o leitor imparcial se não admire do estilo, que era precizo seguir para ineulcar verdades novas, e duras aos ouvidos dos Reys. E espero não ache indisericaõ o publicar-se esta eonrespon-deneia, sendo para isto provoeado, muito



mais depois de até ter havido hum Conde de Palmella, que, assim que toma posse da secretaria da sua repartição, tem o arrojo de passar hum Avizo em nome d'El-Rey cheo todo de falsidades, que tomou por pretextos ao seo despotismo! entre elles, que não achara officio algum d'aquelle, que os dirigia a El-Rey nao só por lh'o ter assim mandado, mas até por ter estado 3 annos nomeado o tal Conde, sem querer ir para o seo posto.

O AUTOR.

*Londres,*  
*31 de Maio de 1821.*

## C A R T A S,

&c.

SENHOR!

HÉ o meu dever fazer seiente a V. M. d'aquillo, quena minha conscieneia, e nõ meu vêr julgo digno da sua alta considraçaõ. Se V. M. se tiver dignado lêr o que tenho cscrito a outrem para se pôr na presença de V. M. eonhecéra bem, que o que digo hê eonforme ao passado, e ao que já disse: Isto hé, que têm custado, e eustamuito, principalmente a alguns governos, vêerem que V. M. cstabelêça a sede do seu governo no Brazil, e se-livre assim da sua influencia, e funda desde já, e deste modo as bazcs da independeneia de um grande Imperio. E desde que se conheccu isto por factos, e que V. M. começava a ser mais activo nõ outro hemispherio sem lhe importar eonsultar gabinete algum da Europa, digo, depois que se vio, que V. M. tinha tomado posse de Monte Video, têm-se pertendido fazer todo o possivel por allienar os Povos de Portugal de V. M. seu legitimo Soberano. Têm-se euchido as gazctas de historias, como V. M. poderá veêr, tudo para fins particulares, começando por disgostar o Povo Portuguez. Senhor, peço lieença para dizer a V. M.; que isto tudo na époea actual hé



muito serio, e se faz digno da sua Real eon- sideraçãõ : as eonversaçoens aqui sam sempre fundadas no que se lêe nos jornaes ; e agora não se diz se não que V. M. estava promovendo, e animando que todas as primeiras familias do Reino, os primeiros negoeiantes, e todos os artistas emigrassem, e abandonassem Portugal, para se estabelecerem no Brazil ; querendo deste modo animar aquillo, de que o Povo se não lembra, isto hé, que deverãõ, para evitar a subjugaçãõ pela Hespanha, mudar a forma do governo, ou eseolher outro, &<sup>a</sup>. Se V. M. se dignar fazer leêr as fallas do Parlamento do dia 7de Maio eonheeerá V. M. o que eu disse há muito, isto líe a grande importancia, que se dava a que V. M. voltasse para a Europa. Não posso dizer mais, nem a perspieacidade de V. M. o preeiza. V. M. eonheee muito bem, e têm provas bem elaras de que o Povo de Portugal ama os seus Soberanos legitimos, e a V. M. em partieular : o que elles preeizaõ líe que V. M. faça por evitar que elle se seduza, e engane ; isto hé, que o governo de Lisboa, em nome de V. M. lhesfaça veêr a neecessidade, e o mesmo interesse de Portugal, que V. M. resida no Brazil: Portugal preeiza que as suas manufacturas sejam animadas, principalmente as de seda, que o eommerceio de Portugal seja mais protegido no Brazil, que o de outra qualquer Nação: e em fim Senhor preeizam, que a falta de seu Soberano e a apparencia de Colonia lhes seja eontrabalançada eom algumas prerogativas, que lhes-faça preferir o serem vassallos de hum Soberano, que, aindaque não esteja ao pé d'elles, tanto se lembra da sua pros-

peridade, ao serem vassallos de algum outro. V. M. conhece muito bem, que o Povo hé Povo em toda a parte, e paciente; porem que a classe mais elevada pensa d'outro modo, e faz por excitálo pelo lado do orgulho Nacional. Ha nove annos, que em Portugal se teêm estado na esperança, que V. M. voltava; e como agora fazem por persuadir a Nação do contrario; por isso euidão os discontentes, e estrangeiros em tirar partido disto, para disgostrar, e sublevar o Povo, fazendo lhe veêr que V. M. os quer reduzir ao estado de Colonia.

A razam primaria dos tratados, que sempre se fizeram vantajozos, e a favor de Inglaterra, e com que as manufacturas Portuguezas, e o commercio tanto teem decaído, éra, e tem sido, a idéa lisongeira, e illuzória, que a Inglaterra animava a agricultura dos vinhos de Portugal, e os reeebia em troea das suas manufacturas, troea que teêm sido feita com uma enormissima usura, como se teêm visto com a deeadeneia da industria nacional, e com a disparição total das manufacturas de Portugal. No entanto os Inglezes não só vaó vendêr os vinhos de Portugal aos differentes mercados da Europa, e mesmo da Asia; mas igualmente há muito que teem pensado em promovêr a cultura de seus vinhos no Cabo de Boa Esperança, reduzindo aqui os direitos a menos d'ametade, que paga o vinho de Portugal, o que indirectamente hé uma falta aos Tratados, e com o que a qui teêm conseguido que se consuna muito vinho do Cabo, e por consequeneia s'exporte menos de Portugal. Aqui teem pois V. M. um rompimento da parte da Inglaterra, e por tanto uma aberta



da parte de Portugal para novos Tratados. Alem de que a mudança da Côrte de V. M. para o Sul d'America teêm mudado as relações entre as duas Côrtes, e por tanto exigem novos Tratados, e auctoriza V. M. a fazer o mesmo, que a Inglaterra; isto hé, promovêr a Industria Naeional, e as rendas do Estado, sem se sacrificar tudo isto a Tratados Velhos. No Brazil consome-se uma muito grande quantidade de vinhos de França, que de ordinario chegam azedos, e que ainda que parêçaõ mais baratos o não são; porisso que os vinhos de Portugal são tres vezes mais fortes, e por tanto mais capazes de fazerem viagem, e até deixarem maior ganho ao negoeiante, se os quizer fabricar á maneira, que se parêçam com os de Bordeaux; que hé, fazêlos mais fraeos. Portanto uma vêz, que os Portuguezes mesmo vão prover os mercados do Norte, e da Asia com os seus vinhos, sem que lles seja precizo que os Inglezes o façaõ, huma vez que o Brazil se prova dos vinhos de Portugal em lugar dos de França, teêm V. M., em quanto ao meu vêr veneido a diffieuldade da extração dos vinhos, e portanto conseguidõ que em Portugal se reanimem as manufacturas de seda, e laa, e que os interesses de Portugal eom o Brazil se estreitem mais que nunca. A Inglaterra nunca hade passar sem as fructas de Portugal, nem mesmo sem certa quantia de vinho do Porto; e Portugal pode passar sem as suas manufacturas, como já passou. A administração mesma dos generos pertencentes á Real Fazenda, que se administram, e vendem em Londres, quanto a mim devia ser mudada para Lisboa; pois que eom isto se



evitava fiar, como fiera, em Inglaterra quasi metade do capital em commissoens, fretes, ancoragem, &<sup>a</sup>. &<sup>a</sup>. passando para Lisboa estes gastos, com o que se entretinham mais vassallos de V. M., e se punham muitas familias do Reino na dependencia do Brazil, e se estreitavam assim mais os interesses dos dois paizes — Deos vigie nos preeiozos dias de V. M. como se interessa, e dezeja .

o humilde e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Londres, 4 de Junho de 1817.*

---

SENHOR !

Dignando-se V. M. leêr o que eserevi há vinte dias, e que remetti por via do Caldas, que d'aqui partiu no Navio Isabella verá V. M. se o que eu previa, e reeeava tinha, ou não fundamento, e verá V. M. se o que eu digo, merece ou não a Sua Real eonsideração. V. M. teem tido provas mais que deeizivas da affeição, e amor dos seus vassallos, qualidades, que caraeterizaram sempre os Portuguezes dos outros Povos : a invazao Franeeza bem o deu a conhecer a V. M. ; no entanto tambem foi ella que fez veêr a V. M., que os que mais obrigados lhe éram, foram os que mais indignamente se eonduziram : alguns déstes não teem euidado, que em seduzir a Nação, é os vassallos de V. M. ereados todos com as idéas da mais pura affeição, e fideli-

dade para com os seus ligitimos Soberanos. Teêm-se feito por espalhar em Portugal, e em toda a Europa, que V. M. os abandonára! e fazia tirar todas as rendas, e todo o nume-  
 rario de Portugal para o Brazil: teêm se cui-  
 dado em se espalhar, que V. M. convidava a  
 que as principaes familias e os proprietarios  
 mais opulentos emigrassem para o Brazil &<sup>o</sup>.  
 Depois disto hé que fiado no que V. M. se  
 dignou dizer me ahi, e fiado na igualdade dos  
 meus principios, e da minha conducta para  
 com a Sagrada Pessoa de V. M. tomei a liber-  
 dade escrever a V. M. pedindo licença para  
 fazer as observações, que me parecem a pro-  
 pozito: Isto hé, que sejam quantos forem os  
 sediciozos, o todo da Nação ama do coração a  
 V. M., como se não ama Soberano algum  
 outro. Mas para que os turbulentos não pos-  
 sam um dia vir ao fim de fazer succumbir e  
 seduzir o seu Povo, e os seus vassallos seria  
 bom, que V. M. se dignasse fazer tomar medi-  
 das para que os seus vassallos de Portugal go-  
 zassem de privilegios, com que se não podes-  
 sem considerar Colonos, antes podessem suavi-  
 zar, e contrabalançar a falta não pequena de  
 terem V. M. tão longe desi: honra, e for-  
 tuna, que já possuiram; e porisso mais  
 custa, e estranho hé perde-la! V. M. perdóc  
 estas minhas humildes observaçoens; porem  
 V. M. conhece bem o fundo da minha alma  
 para deixar de lhes-dar algum valór, e des-  
 culpa. Eu lisongei-me de dizer, que conheço  
 os Portuguezes, que o que elles teêm são sau-  
 dades de V. M., e da sua Augusta Familia, e  
 huma brecha na vaidade, que todos os Povos,  
 como Naçoens tem, de se verem com gover-



nadores em lugar de Reys, que têm possuido por mais de seis seeulos. V. M. sabe muito bem que o Povo não vêe os seus interesses pelo lado, que os vêe o homem d'estado, e de prineipios. Se a estada de V. M. no Brazil he util para até garantir a independeneia de Portugal: isto não vêe o Povo, o que vêe hé um váeuo, e uma mudança de Metropolitanos em Colonos.

Deos vigie nos Preeiozos dias de V. M. como preeiza, e se interessa

o humilde, e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Londres, 25 de Junho de 1817.*

---

SENHOR!

O interesse, que tenho, e terei sempre pelo bem de V. M., e do Estado me anima agora a pedir novamente lieença a V. M. para pôr na sua Augusta Presença as seguintes reflexoens. V. M. eonheee muito bem o estado critico, em que se aeha Portugal, e o partido, que podem tirar os sediciozos eom as suas pregações a hum Povo saudozo, e discontente eom a falta do seu Soberano, e já quasi eom as esperanças perdidas de o tornarem á vêr ao pé de si. Desde o estabelecimento da Monarquia ainda se não verificou uma situação, como aquella, em que se vêe a Nação Portugueza; por quanto vêem se os Portuguezes, há dez annos, sem o seu ligi-

timo Soberano, privação, que os toea no phisico, e moral : no phisico pela diminuição do commercio, luxo, e industria ; no moral pela breeha, que se lhe faz no seu amor proprio, e no seu orgulho nacional, vêem-se em apparencia, e realidade Colonos, e muito inferiores ao que eram quando tinham a honra de têr V. M. ao seu lado. A'vista disto ja V. M. poderá vêr oque será facil seduzir a Nação. V. M. sabe muito bem que o Povo he Povo em toda a parte, e que não vêe as coizas se não pelo exterior, e não como ellas sao : isto he, não teem principios assaz para conhecerem a utilidade, que poderá resultar a Portugal da estada de V. M. no Brazil, o que vêem lié faltar lhes o seu Soberano, e faltar-lhes tudo ; por isso a constancia dos fieis, e saudosos vassallos de V. M. se deve considerar em riseo, logo que hajam motores.

Eu já fiz vêr a V. M. o que seria util fazer por estreitar os interesses do Brazil com os de Portugal, e lembrei por esta oeeazião seria de uma grande vantagem, o promovêr o seu commercio com os seus compatriotas do outro hemispherio. Lembrei a necessidade de fazer animar a exportação dos vinhos de Portugal para o Brazil, e isto em vasos nacionaes. Que as manufacturas melliorassem e se animassem, e que mesmo a Administracão dos generos da Real Fazenda, com aqual fieava tanto dinheiro em Inglaterra, se mudasse para Portugal, como dantes éra, ficando assim na mais reciproca dependeneia Portugal do Brazil, e vice-versa. V. M. foi servido attender a todas estas minhas observações, fazendo passar as Cartas Regias de



15 de Setembro passado, com o que se melhorou um pouco a sorte, e situação dos Portuguezes. No entanto, como há partidos, e discontentes (como há em toda a parte) que cuidam em dilacerar o espírito dos pobres, e fieis Portuguezes, como sei, que os ambiciosos tiram sempre partido da fraqueza dos Povos, como sei, e vejo o embaraço, e dificuldade de poder V. M. voltar por agora á Europa, e como depois de reflectir, e vêr as coizas por todos os lados estou persuadido na minha consciencia, que Portugal, mais tarde, ou mais cedo succumbirá aos stratagemas dos motores; por isso peço licença a V. M. para sugerir o que me lembra, e o que só ereio poderá garantir a V. M. os seus estados na Europa: vem a ser, captar os Portuguezes pela balda, que hoje domina, e de que tanto partido tirarão em toda o tempo os Soberanos: isto hé declarar-se V. M. Rey Constitueional de Portugal, como fez Luiz XVIII. em França, o Principe de Orange na Hollanda, o Rey de Wittemberg, o Imperador da Russia á Polonia, o Rey de Suecia; e como prometteu o Rey da Prussia, fazer nos seus Estados: Isto Senhor; por que os Soberanos de hoje conheeram a dominante do tempo, que hé darem alguns privilegios, e prerogativas aos Povos, para consolidarem as suas. Bonaparte conhecia tanto isto, que apezar da força armada, que tinha ás suas ordens via-se obrigado a insençar a opiniaõ publica, e a vaidade nacional, por meio do Senado, que elle manejava sim; mas que era obrigado a fazer jogar. Tal foi a politica de Augusto, como diz muito bem Gibbon,

um dos melhores historiadores do Imperio Romano nestas palavras, “ Augusto conhecia muito bem, que os homens são governados por nomes, nem elle se enganava no seu calculo quando dizia, que o Senado, e o Povo Romano se sujeitariaõ á escravidão com tanto que elles estivessem persuadidos de que ainda gozavam a sua antiga liberdade, o que lhes fazia erêr Augusto, e os seus successores com o jogo de palavras.”

Que perde V. M. com isto? Quanto ao meu vêr coisa alguma; pelo contrario está seguro de que nem a Hespanha, nem outro qualquer pretendente sera admittido. Alem de que vêem V. M. ate atêr com isto os pretextos, que têm todos os Reys Constitucionaes, que respondem ás Cortes Estrangeiras á proposiçoens desarrezoadas, “ assim o decidemas Cortes, assim o quer o Parlamento.” Agora Senhor, como Será ésta Constituiçaõ, aonde se haõ-de ajunetar os Deputados, &<sup>a</sup>? Isto hé materia a arranjar, uma vez que V. M. aprove esta idéa. No entanto se ella nao agrada queira ao menos V. M. fazer-me a justiça de se persuadir que ella hé inspirada pelos vivos, e mais puros sentimentos do interesse, que tenho pela gloria, e bem sêr de V. M., edo Estado.

Deos vigie, e guarde a preeioza Vida de V. M., como preeiza, e dezeja

o humilde, e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Londres, 22 de Dezembro 1817.*



SENHOR !

V. M. conhece bem à fundo os meus sentimentos ; por isso, e como se dignou ordenar-me escrevesse directamente a V. M., quando as circunstancias o pedissem, vou humildemente aos pés de V. M. a dizer, que a semana passada soube coizas, que me determinaram a eserever ao Conde de Palmella uma carta, cuja copia remetto, e isto porque julguei devia ir eu mesino aos pés de V. M. fazer as minhas humildes reflexões, sobre as propostas, que se querem fazer. V. M. conhece muito bem, assim como o conheceem os seus Ministros o que hé melhor para o seu Real interesse, e da Monarquia: no entanto nada se perde com as humildes reflexoens de um vassallo fiel. V. M. bem sabe que ellas sam filhas do puro zêlo, e interesse, que tenho pela gloria, e dignidade de V. M. Não queira Senhor de modo algum annuir a que tome outra qualquer Nação posse de Monte Video. As consequencias devem sêr, por força, muito, e muito funestas, huma vez que assim fosse: primeiro, nunea mais o largariam; segundo apossar se hiaõ de todo o commercio do Rio da Prata, e mesmo do mar do sul, e fariam por pôr V. M. e o Brazil na mesma dependencia, em que se achava Portugal. Os Independentes, ou Revoluccionarios se não hao-de fazer menos Independentes, nem menos Revoluccionarios com um entremedio entre elles, e o Brazil, pelo contrario haõ-de.....ajudalos para negociarem com elles, e por fim ficarem lá. V. M. têm muito recurso, e pretexto politieo para repel-

lir semelhante trama, e proposta: a principal hé, que os de Buenos Ayres o sabem ja, e levam isto muito a mal, e o tomam, como uma infração, e declaração de guerra da parte de V. M.; Senhor a prova de que eu dezejo servir V. M. á eusta de todo o risco, e comperigo da mesma vida, hé que assim que me participaram o que venho de expôr a V. M. não fis que eserever ao Conde de Palmella offerceendo-me a ir ao Rio de Janeiro, apczar de estar o mar, como está, infestado de piratas, e elle me respondeu que mandava um expresso, a quem tinha promettido isto, havia tempo, e por isso desisti por agora da minha viagem. No entanto ponho V. M. de anticipação para tudo que se offereça. Deos vigie nos preeiosos dias de V. M., como se interessa, e dezeja

o mais humilde, e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 30 de Junho de 1818.*

---

SENHOR!

Tenho até agora euidado por fazer ir á presença de V. M. algumas humildes reflexoés; e ás vezes com algum recio de que a minha franqueza possa alguma vêz desagradar a V. M.; todavia V. M. têm provas nada equivoas do meu zêlo, e fidelidade pela Augusta Pessoa de V. M. Em 1817 fis vêr a V. M. o indispensavel, que seria fazer por estreitar os



interesses dos vassallos de V. M. nos dois hemispherios, eo que seria para isto de essencial animar as manufacturas Portuguezas, e diminuir o direito d'ellas, e do vinho nas possessocns de V. M., e tirar a administração dos generos pertencentes á Real Fazenda de Inglaterra, e em lugar de se fazer a transacção da venda em Londres, fazer-se em Lisboa, aonde, e em que se podiaõ empregar eentos de familias Portuguezas. V. M. taõ disposto está sempre a tudo, que hé bem, e felicidade dos seus vassallos, que se dignou fazer passar os Alvarás de Setembro de 1817. Tudo isto eraõ medidas para modificar, e aliviar a perda dos Portuguezes; mas jamais se poderia eom isto eurar o mal original na historia dos homens, de fazer eom que os Portuguezes se podessem habituar á dissoladora idea de que haviam de deixar de ter ao pé de si os seus Antigos Reys. V. M. eonhece muito bem, que o passo e medida, que se dignou tomar em 28 de Novembro de 1807 hé uniea na historia das Sociedades, e de tal magnitude, que só a Posteridade imparcial dará o devido appreço, e que com ella deu V. M. o impulso a uma nova politica, a novas relaçoens, e a novos destinos do mundo. Em quanto a Hespanha despovoada euidava em reerutar gente, e mandala luetar eom os Hespanhoes d'America; e em quanto o Governo Hespanhol conservava, e seguia todas as medidas antigas, e que faziam lembrar aos Portuguezes o captiveiro dos Phelipes, ainda havia reeurso, e se achava no brio Nacional para se entreter a Nação Portugueza independente, e poder-se eontar com ella fiel, e in-

alteravel, e poder-se medir com os Hespanhoes no caso de alguma temeraria pertençaõ. Hoje Senhor com os acontecimentos em Madrid a 7 do corrente mez de Março, edas medidas tomadas tudo mudou. Os Hespanhoes concentram as suas forças, augmentam-as, publicam idcas seductoras, e liberaes, e organizam uma eonstituiaõ, cujo fim hé eon-solidarem se, e engrandecerem se; e Portugal Limitropho, e como nesga da Peninsula, como não será combatido, e bloqueado? Senhor peço licença a V. M. rogando se digne tomar isto tudo debaixo da sua Augusta eon-sideração; pois que o tempo hé preciozo, e assaz critico. Se V. M. se digna dar-me licença, fallarei como vassallo fiel. Que no estado, em que se acha hoje a Europa hé impossivel, que Portugal possa resistir á torrente da opiniaõ publica, e ao impulso, que lhe dá hoje a Hespanha.....

Por isso tendo pensado muito e muito não acho outro meio de valer a Portugal, e a V. M. que, quanto antes, V. M. faça arranjar, e publicar uma constituição tal, ou qual, para que com ella os dominios de V. M. na Europa se possam garantir, e a independencia, e Soberania de V. M. Esta constituição sejam as antigas Côrtes do Reyno; Mas, como o Soberano reside n'outro hemispherio; Fazer-se uma Ley Fundamental, pela qual V. M. se digne nomear o Princepe Real, residente em Portugal; mas logo que Rey ír residir no Brazil. Isto não têm se não dois inconvenientes, primeiro, o sacrificio de se privar o Soberano de ter ao pé de si a sua Augusta Familia; ainda que a Familia Real poderá ír para o Brazil á proporção que se



multiplica e nasce, e segundo, o incommodo das viagens do Princepe Herdeiro. Tudo isto porem sam ineconvenientes, que eobrem, e salvam outros maiores; em fim, com que se salva, e conserva a monarquia. Não acho nem posso achar outro mcio seguro; por quanto Regencia, e Conselho não teêm a firmeza, nem pode impor, como um Regente, ou Vice Rey, que hade ser um dia Rey. Outro qualquer da Familia Real, que vá governar em nome do Sobcrano correrá o risco de se fazer um dia independente. No entanto que o Herdeiro, que hade ser Rey, e que conhecerá a necessidade para a grandeza, e estabilidade da Monarquia de ser a residencia de El Rey no Brazil, terá todo o intercsse em conscrvar intacto o Governo de scu Pay, que hade ser seu um dia. O Princepe governando Portugal com a direcção das Côrtes, e de baixo da jurisdicção do Rey do Brazil não teêm poderes, que em materias de rotina, e formulas de foro. As regalias da magestade, as graças, os tratados de paz, e commereio, as nomeaçocns civis, e militares, &c<sup>a</sup>. &c<sup>a</sup>. sam exclusivos ao Brazil. No entanto a marcha da administração não soffré em Portugal, que he por onde principalmente se pertende exaltar o espirito dos Portuguezes, dizendo lhes, que sam obrigados a ir ao Brazil a qualquer negocio. Senhor isto sam ideas geraes, e um esboço do que eu dezcjo, e humildemente pccço a V. M. se digne tomar na sua Real, e seria consideração, mas isto já, alias reecio seja tarde. V. M. sabe muito bem que as primeiras Côrtes em Portugal foram organizadas, e convocadas pelo



Senhor D. Affonço Henrique; por isso que achou era preeizo dar certa estabilidade, e earaeter publico ao novo titulo, que os soldados lhe tinham conferido no Campo d'Ouri- que, e para se pôr á eoberta do capricho e dispotismo militar, e de toda e qualquer per- tençaõ, que a Hespanha quizesse algum dia ter sobre Portugal. Os mesmos Phelipes para darem certo ar de direito á posse do Reino convocavam as Côrtes, e faziam jurar nellas a suecessaõ. Donde V. M. muito bem vêe a necessidade urgente na epoea actual de uma similhante medida, e saneçaõ publica. Os anteeesores de V. M. convocavam as Côrtes quando achavam era preeizo, e quando os Conselheiros assim lhes faziam veêr. O estado hoje de Portugal hé assaz critico, e muito mais que em outro qualquer tempo da Monarquia. Se hoje não há conselheiros austeros, ainda há um Portuguez fiel vas- sallo, e amigo do seu Soberano, que se apressa a dizer lhe sem outra consideraçaõ, que o bem de V. M., e do Estado, que he muito essencial que antes, que as coizas de Hespanha vão avante, V. M. se antieipe a dietar a Ley, antes que a queiram impor. Tro- pas Estrangeiras de modo algum, pois vêem a irritar mais os espiritos, e dar mais armas aos instigadores estrangeiros. Quem disser a V. M. não tem duvida, tudo está tranquillo, tudo vái bem, ou naó sabe o que diz, ou naó falla verdade. Por cauza destas, e outras similhantes expressoés se vio agora El Rey de Hespanha obrigado a receber a Ley, quando aliás a poderia ter dado muito mais á sua von- tade, se naó fossem os perfidos Conselheiros!



Se V. M. se dignar nomear S. A. R. Generalissimo do Exercito de Portugal, não só se dará com isto certa energia, e tom á Tropa, e á Nação; mas ate acabará o ciúme, e a intriga, que há acerca do Marccchal Estrangeiro. Não creia V. M. em garantias de governo algum, quando se tracta de uma nação em Massa. Em fim S. A. R., quanto antes, deverá partir para assistir á Eleição dos Deputados ás Côrtes, e teêr assim a influencia necessaria, isto porcm já, o tempo hé preciozo. Dcos Guarde, e vigie os preciozos Dias de V. M., como todos precizam, e mais que ninguem se interessa

o humilde e fiel vassallo,

(assinado).

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 30 de Março de 1820.*

---

SENHOR!

Com o devido respeito vái aos pes de V. M. o humilde e fiel vassallo Helcodoro Jacinto d'Araujo Carneiro, e pôr na sua Real Presença, que tendo-se V. M. dignado fazer justiça ao supplicante ao ponto de ser servido, tomar a deliberação de o despachar para uma Missão nova, e importantissima, aonde se offerecc um campo immenso de servir V. M. eo Estado, e de poder segundar os seus Altos, e providentes planos, e com que possa contribuir a eternizar o Nome Augusto do seu Soberano, agora o Ministro de V. M. em Londres, ainda antes de tomar conta da pasta

da sua repartição, começa por mortificar o supplicante, e fazer lhe vêr o frustrados, que seráo um dia os seus trabalhos e fadigas no serviço de V. M., ao ponto que a pensáo, que segundo as ordens de V. M. se lhe teém pago, e deve pagar pelas despezas da Legação em Londres, agora o Conde de Palmella lha não quer pagar, tendo-lhe alias dito, á sua sahida de Londres, se pagaria regularmente aquem deixasse proeuração bastante.

Tudo isto Senhor, hé abuso, e ultrage a Authoridade Real, e o resultado de rixas particulares, como, entre outras, o saber elle, que o supplicante concorrera a fazer veér a V. M. o interessante que lhe seria, e aos seus vassallos o tirar-se a Administracáo dos generos da Real Fazenda, de Londres para Lisboa, e tirar-se assim da disposicáo, e ordens delle Ministro em Londres. Segundo, o passo que o supplicante deu perante elle ácerca dos ultrages dirigidos contra V. M., e que em lugar de o confundir, e eneher de respeito para com o supplicante, o enraiveecu, e o fez denunciar ao Autor dos ditos ultrages, rezultando daqui o começar a dirigir o redaetor toda a sorte de improperio, contra elle supplicante. E finalmente o desconfiar elle Conde, que o supplicante communica a V. M. transacões, que elle não gosta V. M. conhêça. Querendo assim tirar vantagem contra elle, e procurando disgosta-lo de maneira que não possa continuar na Missáo para que V. M. se dignou nomealo. Senhor! V. M. dignou-se dizer ao supplicante, que elle era creatura sua; pois Senhor; por isso mesmo, e por os Ministros de V. M. o saberem hé que assim



elle hé tractado. Olhe V. M. para isto seriamente. O supplicante não tem eonheido, não eonheee, nem hade eonheeer que um Soberano e huma Authoridade; e por isso espera que V. M. se digne aeabar a sua obra, já que quiz princiepiala, e que não eonsinta que o aeabrunhem e supplantem de um modo escandalozo, que ate reflecte na Magestade do Throno. V. M. dignou-se dizer ao supplicante, que não tinha eá por fora se não c.....a! Senhor, basta V. M. dizê-lo para não preeizar de ampliação. O que elles querem hé formarem um Governo Aristocratico, em que tenham V. M. e a Nação á sua disposição. Portanto não eonsinta, que elles aeabrunhem os homens de bem, e fieis servidores de V. M.; pois eonsequindo isto, facil lhes he o resto. Senhor, o supplicante está no habito de reprimir, e suffoear resentimentos pessoaes, quando se traeta do deoro, e dignidade de V. M., exemplo, o que elle tem feito, e agora vem de fazer com uma'publicação, que aqui appareceu, a qual compron toda; mas como eontinha eoizas de que V. M. deveria gostar, pois que erao em seu abono e da Nação a reimprimiu tirando o que erá dizer mal dos ministros, e do Governo e substituindo o que de certo V. M. acharia a proposito. Porem quando os Ministros sam os mesmos que estão teeendo trammas, e eonloyos, hé preeizo, fazelos appareer com as Côres, que devem ter perante o Povo, que he fraco, e credulo. Permita V. M. que lhe diga, que não hé a primeira vez que o enganam Ministros d'Estado. El Rey de Hespanha vem de ser sacrificado á eonfiança, que tinha em maus Conselheiros.

Deos vigie nos preciozos dias de V. M. como se interessa, e dezeja;

o humilde e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 3 d' Abril de 1820.*

---

SENHOR !

Vossa Magestade muito bem sabe, que eu não fallo hoje do....por elle se conduzir para comigo, como se conduz ; antes disto ja dizia a V. M. o que sentia na minha consciencia de-  
 vêr dizer ao meu Soberano : e por isso não hé resentimento, que me faz fallar ; mas sim dever meu para com V. M. O tempo he as-  
 saz critico para ser indifferente a tudo que se passa, e se faz solapadamente para compro-  
 metter a Monarquia ! Tive a hora dizer a V. M. ....  
 Disse mais .....  
 O que tudo he bem digno da consideração de V. M. ; V. M. têm provas nada equivoas do meu zêlo, e franqueza, quando se traeta do interesse da Monarquia. V. M. têm poueos vassallos, que, como eu, deixem de tremer, e balbueiar, quando se traeta de escolher o partido d'El Rey, ou dos Ministros, e de apontar qualquer falta de um Seeretario d'Estado. Hé verdade que isto hé eustozo ; por que arrisea um homem todos os seus interesses, ainda que o meu principal hé não atraçoar-se V. M. nem a Nação. Eu ainda que tenlia



tido a felicidade de ser um pouco conhecido por V. M., não tenho por isso deixado de ser vítima do meu zelo, e da minha fidelidade para com V. M. Ultimo exemplo o que me succedeu no Rio de Janeiro, aonde o que dictava a generosidade e justiça de V. M. foi tudo cortado, retalhado, e a nada reduzido por uma roda inimiga de V. M., edo Estado. Exemplo até as mesmas instrueçoens, que V. M. se dignou approvar, só por que m' as ouviu, e mandou por isso as eserevesse, as quaes foram todas cortadas, e reprovadas; exemplo o que acaba de practiear aqui comigo o Conde de Palmella. Queira pois V. M. dignar-se tomar isto tudo na sua Real consideração, e lembrar-se, que daqui proeede muita desgraça não só a um simples partieular; mas ao chefe e Senhor da Monarquia; por quanto quando esta roda supplanta e ealça os melhores servidores do Soberano, e da Nação não só se dezanimam os honrados vassallos; mas até se augmenta a força dos usurpadores da Soberania. V. M. lembrar-se há muito bem do que tive a honra de lhe dizer sobre o principal objecto, que me levou aos pes de V. M. em 1818; agora verá isto publico. .... Como não confio de pessoa alguma o que tenho em meu poder; por isso fiz vir meu Irmaão de Lisboa para o mandar com despachos a V. M., e entao V. M. conheceerá o estado eritico, em que se acha Portugal, e que eu quando fallo, hé, porque tenho dados, e dezejo se tomem medidas em quanto hé tempo. Quem não hé verdadeiro amigo de V. M. não obra assim, e diz não tem dauida. Por isso vem de succeder o que succedeu na Hes-

panha: no entanto mande V. M. partir já para Lisboa S. A. R. o Príncipe Real, como por duas vias e paquetes tenho humildemente lembrado a V. M.; pois que assim tudo se acaba.

Senhor, V. M. muito bem sabe a causa de todas estas indisposições e violências para comigo. Tudo he devido ao interesse, que sempre tive pela dignidade do Throno, e de V. M. Espero pois que V. M. se não esqueça disto, e que a causa da minha oppressão hé a de V. M.! V. M. dignou-se dizer me á minha despedida, que esperava lhe não voltasse a cazaea, como todos cá por fóra lhe tinhaõ feito. Eu por seguir outro caminho, hé que tenho sido traetado, como sou!

Deosvigie nos preeiosos dias de V. M. como se interessa, e dezeja

o humilde e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 31 de Maio, 1820.*

---

SENHOR!

Pelo papel, que me veio á mão, e que tenho a honra de pôr na Sua Real presença verá V. M. se tinha, e tem algum fundamento o que pus na presença de V. M. em 1818, e verá mais a razão por que fiz pôr no Correio Braziliense com permissão de V. M., que V. M. contava fazer arranjar uma Constituição para Portugal, &ç<sup>a</sup> e V. M. terá já visto por outras



coizas, que lhé tenho feito saber, que não hé depois dos dezastres succederem, que dezejo chamar a attençaõ de V. M., mas sim quando hé tempo para os evitar. Estas ideas sam para preparar os espiritos da maioridade da Naçaõ, que hé pela sua Augusta Dinastia, querendo fazer veêr V. M. não volta a Portugal, e que por isso devem olhar para outrem. V. M. queira tomar isto na Sua Real consideraçaõ, e olhar seriamente para o estado de Portugal. V. M. ja vêe, que a minlia demora em Paris (ainda que forçada) não tem deixado de ser util, e muito util ao serviço de V. M.; eu dezejo que V. M. conhecendo isto, e o que eu tenho sempre a peito a prosperidade, e gloria de V. M. se não esqueça de mim, e não permitta que os meus inimigos, que o não deixao de ser de V. M., me supplantem, e aeabrunhem por motivos, que saõ os do Throno, da sua Independencia, e dignidade. V. M. he assaz justo para me fazer a justiça, de que antes que o Conde de Palmella me tractasse, como me tem tractado, (isto porque não pôde levar a paeiencia que eu fosse despachado por V. M., e me considere Independente da sua proteccaõ, e por saber que não posso ser se não de V. M., e da parte dos seus interesses) ja dizia a seu respeito a V. M. o que sabia. Deos vigie nos preciozos dias de V. M. como se interessa

o humilde e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 1 de Junho 1820.*

SENHOR !

Ja n'outra tive a honra de dar a intender a V. M. a combinaçaõ, que se tramava á cerea do Rio da Prata ! V. M. verá agora se descubrio o plano de pôr o Duque de LUCA no Throno d'America Hespanhola ! Se V. M. me dá lieença diria, que hum passo, que no estado presente se deveria dar era .....

.....  
 Governo eonstitueional he hoje huma palavra magica, pela qual os Povos se seduzem: tal coisa não existe em rigor; exemplo o que se vê em Inglaterra, e França, aonde se falla e grita no Parlamento, e por fim quasi tudo, que El Rey quer he o que se fas: na Hespanha se por ora as coizas vão ainda hum poueo á risea he por falta d'El Rey, e dos conselleiros, isto he irritouse muito a Naçaõ e como dura a exaltaçaõ dos espiritós, por isso duraõ as theorias exaltadás ! S'El Rey tivesse tido o sangue frio, e como Machiavel seguido o systema das Cõrtes estaria hoje governando eom ellas.

He alem disso de observar, eomo se vê pela historia, que os Soberanos do meio Dia nunea devem temer os Governos eonstitucionaes, poisque os Povos nos climas quentes, ainda que de mais exaltado espirito amão viver tranquilamente, porque a natureza, e o clima os convidaõ a isto, o que não succede nos Paizes agrestes do Norte, exemplo a China, o Japam, a Arabia, a Turquia, os Governos d'Afriea, &ç<sup>a</sup>. &ç<sup>a</sup>. Na Europa a Italia foî Republica, quando era ainda hum piqueno territorio, tal eomo no tempo dos



Tarquínios, contaõ mesmo ate á batalha d'Actium o senado governava, como Soberano. Depois da batalha d'Actium não foi, que imperio com formas ideaes de Republica, que Augusto achou deviá conservar. A Hespanha reccebeo dos Povos do Norte, que a conquistaraõ as ideas de Côrtes, mas isto emquanto era dividida em piquenos reinos, assim como foi a Grecia. Portanto ja V. M. vê que sendo da natureza dos Povos do Meio Dia succumbir, e mesmo das coizas em toda a parte do mundo degenerarem, V. M. não podc ter algum susto em dar huma constituição, poisque emquanto a dá he considerado o autor, que fas e póde desfazer: evitando assim a exaltação, que vêm de se excitar na Hespanha pela má politica. Alfredo o Grande he ainda hoje mencionado pelos Inglezes como o seo idolo, isto porque o que deo aos Povos foi obra da sua propria generozidade; no entanto João sans-terre que lhcs deo a Magna Charta, como foi forçada não o olhaõ com o respeito do outro.

Os Soberanos, que mais se tem perpetuado, e feito transcendentcs na posteridade são os que nos seos governos mais soubcraõ lizonjcar a paixãõ dos Povos á custa de sacrificios apparentes. Constituição nehuma no mundo tem sido duradora, e permanentc; portanto os herdciros de V. M. nada tem a temer da sua liberalidade. O Brazil para prosperar, e fazer os progressos de que he susceptivel, como tem feito os Estados Unidos, precisa, como este, d'algum governo mais, ou menos constitucional, isto para avançar e o tirar do estado de matta e selvagem, emque se acha;

quando elle chegar ao estado de civilizaçao, e grandeza, de que he susceptivel entam se-guira o destino dos grandes imperios e das grandes massas.

Os Estados Unidos, quando tambem lá ehe-garem ver-se haque ou se emancipão em governos pareiaes, ou hade ser hum imperio; porquanto Republicas, e constituicoens rigo-rozas sao ineompativeis com immensos terri-torios. O mais sao theorias, que a praetiea destroe e torna irrissorias.

Senhor! Queira olhar para isto seriamente, e tomar as medidas, que o tempo preeiozo ainda permite. Senhor! as revoluçoens não se costumão enunciar; arrebentaõ, sem se esperar. O grande talento he preeavelas, e evitalas! eu antes dezejo, que V. M. Diga hum dia bem fis Eu, doque bem me dizia o Heleodoro. V. M. verá, que se verificou a mesma explozam em Napoles, que se tinha feito em Madrid, tudo isto he digno que V. M. tire o partido, que as eircumstaneias ainda lhe offereem; emfim vejo eada dia mais con-firmado o que tenho ditto a V. M., que hoje constituicaõ he huma palavra magica, que sedus todos os Povos; que o grande ponto he saber-lha dar a tempo, e antes que elles se reputem ser os que a pedem, ou que a imp-poem!

Deus vigie nos Preeiosos dias de V. M. como s'interessa

o humilde, e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 31 de Julho de 1820.*



SENHOR !

Com o mais profundo respeito vai aos pes de Vossa Magestade; Heleodoro Jaeinto d'Araujo Carneiro, e pôr na sua augusta presensa, que elle até hoje tem fallado a V. M., eomo se deve sempre fallar aos Soberanos, oxala que V. M. tivesse tido mais eonfiança no que elle tem ditto, pois se assim fora, e se se tivesse Dignado attender ao que até repetio em duas vias, em Março, e Abril passados, porque aehava digno dísso, teria V. M. evitado oque vem de suceeder; teria evitado, que o povo commettesse o attentado, que os seos ministros fizerao indispensavel de se eonstituir Soberrano! Elle fallou n'isto não porque advinhe o futuro, mas sim por que tendo lido, e reflectido a historia antiga, e moderna, e sendo os homens os mesmos, huma ves que se aehem em eireumstancias identicas, devem se esperar os mesmos resultados, o mais he não saber, ou não querer tirar vantagem do que se tem passado. O deslexo, em que tudo estava, eomeçando por se não executarem as intençoens, e ordens de V. M. foi a eausa motora de tudo. Senhor! tudo se redus ao que ja disse a V. M., que he immitar oque ja fizeraõ os seos anteeessores, e depois o tempo fara o resto. Se os homens hoje querem nomes, e serem livres em forma dê lhes V. M. estes nomes; eom isto se fas V. M. ainda mais popular; e quando elles adormecerem fartos, e cançados d'esta dominante do tempo; V. M., ou os seos sueeessores seguiraó as eireumstancias, eo que lhes dictar a sua eonseieneia!

V. M. ainda pode dar direçaõ ao que vêm de



se fazer em Portugal e evitar se desenvolva no Brazil. O ponto he V. M. fazer se hum pouco Machiavel, como tem feito os Soberanos, que mais tem figurado no Mundo. Senhor ainda torno a citar Augusto, isto, por que sendo o Soberano, que mais soube impor ao Povo Romano e que com mais admiração se cita na Posteridade, foi o que mais á risca o Dominou. Isto he, em consequencia dos conselhos de Mecenas Augusto rejeitou os titulos, que podia dezagradar, principalmente o de Dictador, que Sylla e Cezar tinhaõ tornado odiõzo, no entanto occultava hum poder sem limites debaixo de nomes conhecidos, e que lizongeavaõ os ouvidos dos Romanos. Fes se chamar Imperador para conservar a sua autoridade sobre as Legioens; e se fes nomear Tribuno, para dispor do Povo de baixo do pretexto de o proteger! Senhor! s'cu não posso disputar os talentos de Mecenas poderei sem duvida disputar lhe o interesse e zelo pela gloria do meo Augusto Soberano. O grande objecto Senhor! he V. M. escolher algum, que seja capas para Ministro d'Estado, que seja ciozo pela gloria do seo Soberano, e que seja apto de segundar as altas, e grandes qualidades de V. M. Os Ministros, que V. M. tem tido saõ os que tem perdido tudo! O grande homem d'estado he aquelle, que sabe precaver, e nao o que deixando ir tudo ao desmazelo fas perder ao seo Soberano o que lhe devia, e podia ter salvado.

V. M. foi o mesmo, que se dignou dizer-me, que não tinha cá fora se não C.....a, que o desfiguravaõ, e atraçoavaõ! Perdo-me V. M. em dizer, e porque os consente?



Não he V. M. o Senhor e Arbitro dos Destinos do seo Povó? E entam não havcrá gente capas? Porventura já se acabou a raça dos Portuguezes honrados?

O Brazil ainda que pareça não estar no estado de se lhe darcm as mesmas instituiçoens, que a Europa; no etanto V. M. como Senhor dos Reinos unidos devc cuidar emque as instituiçoens sejam o mais analogas possible. E visto mesmo o que vem de succeder, ou V. M. deve fazer ajuntar ahi as Côrtes, ou a ser em Portugal, aonde se juntem, entam ir V. M. para Lisboá: pois o mais he inconciliavel.

Senhor! peço mais licença a V. M. para ponderar, que como este movimento hoje he nacional, e nao de meia duzia de familias; por isso rogo a V. M. não queira annuir a qualquer propozicao de tropas estrangeiras; poisque estando V. M. o mais entranhado no coração da Nação o fariao com isto allienar d'ella.

Deus vigie nos preciozos dias de V. M. como se interessa e dezeja

o humilde e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 31 d'Outubro, 1820.*

---

SENHOR!

Vai aos pés de vossa magestade o humilde e fiel vassallo Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro; e pôr na sua Augusta Presença a

cópia do extracto da carta, que lhe remeteo o seo correspondente á cerca do que vem de practiear o Encarregado de Negoeios de V. M. em Londres, assim como do que elle Enearregado de Negoeios mandou dizer ao ditto seo correspondente, quando se lhe procurou a razam porque se não queria enearregar de remeter a V. M. pela mala os embrulhos, e eartas, que se dirigiaõ a V. M. da sua parte, como se tinha practicado até aqui. D'isto vê V. M. eada dia mais confirmado oque sempre o supp<sup>e</sup>. teve a honra de reppresentar a V. M.; que eá fora tem havido hum systema seguido pelos seos proprios agentes para o trairem, e allienarem da Naçaõ! e isto, que fas hoje o Enearregado de Negoeios em Londres he oque fazia, e fês o C. de P. em 1819; como V. M. muito bem sabe.

Se os servidores de V. M. não tivessem eommettido tam reppetidas vezes d'estes attentados não teriaõ succeedido os outros! V. M. tem estado naosó em cerco, mas até traído por esta roda! como elles tem feito muitas, e não tem reeebido eastigo, por isso tem continuado, e o mais he, com o desearamento de nem na epoca d'hoje s'envergonharem de verem foraõ as suas manobras a eausa dos successos em Portugal! Já se não contentaõ em não exeeutar ordem alguma de V. M.! não querem mesmo, que V. M. receba e saiba scnaõ o que lhes fas eonta! Isto até tam desearamamente, que dao por motivos o que V. M. se dignará vêr! V. M. foi quem determinou ao supp<sup>e</sup>. lhe remetesse pela Legaçãõ de Londres toda e qualquer coiza, que tivesse a mandar; bastava isto e o earaeter publico que tinha; porem segundo elle dis, e



V. M. verá nao reconhece tal caraeter ! Isto Senhor, porque he V. M. quem lh'o eonferio e não a Aristoeraeia, que quer dominar a Naçaõ e V. M !

Senhor ! muito maior erime he, que humia autoridade delegada de V. M. incitasse o Povo, pregando llie era preeizo mudar as bazes da Monarquia, que o mesmo Povo opprimido, e provoeado fazer o que fes. V. M. já vê a differença da condueta do supp<sup>e</sup>. á da do *Brasileiro estabelecido em Londres*: aquelle tem-se dirigido a V. M. a ponderar humildemente a necessidade de fazer eonvoear as Côrtes; o C..... porem dirigio-se á populaça eom a earta inserida no Times; e agora em Lisboa pertendendo fazer duas figuras, e até ehamando rebeldes aos Portuguezes; aquem elle tanto tiuha provoeado! V. M. deve estar persuadido, que o que vêm de succeder nas provineias do norte, ainda que seja hum mal, que V. M. podia ter preeavido se se dignasse atender ás reflexoens do supp<sup>e</sup>; eom tudo assim mesmo he hum bem, segundo verá pelos doeumentos, que remeteo por seo Irmao; pois que as vistas, que haviaõ sobre Portugal eraõ de peor consequencia. V. M. foi o mesmo, que se dignou dizer ao supp<sup>e</sup>, que he eom o Povo que se achou na invazam Franeeza. Pois esteja certo Senhor, que he com elle mesmo, eom quem se hade aelhar ainda hoje.

Deus vigie nos preciozos dias de V. M. como s'interessa

o humilde e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

Paris, 4 de Novembro, 1820.





## Avizo.

Naõ eneontrando eu n'esta Secretaria de Estado nenhum\* officio de V. Me<sup>e</sup>, e ignorando portanto quaes possaõ ser os motivos, que o tem demorado em Paris, ausente do seu Posto; devo agora participar-lhe, que naõ havendo a confederaçaõ Helvetica nomeado hum Enearregado de Negoeios para residir n'esta côrte, como em devida reeiprocidade† era d'esperar; determina El-Rey Nosso Senhor que se naõ verifique a commissãõ, de que o Mesmo Senhor havia ineumbido a V. M<sup>ce</sup>, fiando a sua Nomeaçãõ annullada, e devendo logo que receba este officio cessar de se considerar como Enearregado de Negoeiõs de S. Magestade, e como membro do Corpo Diplomatico Portugues. Recebera V. M<sup>ce</sup>. porem até nova ordem de sua magestade a titulo de Pensaõ e naõ d'Ordenado diplo-

---

\* A' lem do miseravel estilo, com que vêm lavrado este avizo : eda atrapalhaçãõ : *naõ encontrando ; ignorando : devo agora participar-lhe ; determina El Rey, &ça.* He a falta de gramatica, e os erros, que hum creança da escolla naõ commetteria começando por dizer *naõ encontrando ne nhum!* eis aqui como saõ os conhecimentos do nosso mal fadado estadista!

† Que reciprocidade tem havido com Hamburg? com Napoles? e mesmo com Inglaterra e França? que tem tido lá hum consul? Porem trapalhada! o que elle devia dizer, era ; “ eneontrando en officios seos no Gabinete de S. M. nada con-  
 “ ducentes aos meos planos! conhecendo muito bem quaes  
 “ tem sido os motivos da sua demora em Paris; que nada  
 “ saõ à meo favor! e vendo, que naõ convem que no Corpo  
 “ Diplomatico, que eu dirigo, ede que sou chefe haja quem  
 “ se diriga a El Rey e lhe faça saber o que eu naõ quero :  
 “ determino que se naõ verifique a commissãõ de que o  
 “ encarregou S. M. ; fiando desde já nulla a sua nomeaçãõ,  
 “ &ça. E para naõ ter direito algum ao ordenado, que El  
 “ Rey lhe fixou; tera 2,800,000 annuaes emquanto por outro  
 “ avizo nao mandar brevemente tirar lhos.”

matieo a quantia de dois eontos, e oito eentos mil reis, que lhe será paga pela caixa da Administração dos Fundos Reaes em Londres.

Deos guarde a V. M<sup>ce</sup>. Palaeio do Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1821.

(assinado)

CONDE DE PALMELLA.

Sr. H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

ILL<sup>mo</sup>. EX<sup>mo</sup>. Sr.

Recebi o Avizo de V. Ex<sup>a</sup>. de 29 de Janeiro do presente anno, emque começa por dizer, que “ não encontrando na Secretaria d’Estado do officio algum meo, e ignorando quaes “ possaõ ser os motivos, que me tem demorado em Paris, deve participar-me, que “ não havendo a Confederação Helvetica nomeado hum Enearregado de Negoeios “ para residir n’essa Côrte. Determina El-Rey N. S. annullar a minha commissão “ ficando a minha nomeação nulla &<sup>a</sup>. ”

Em quanto á primeira parte permita me V. Ex<sup>a</sup>. dizer lhe, que me não pertence entrar nas razoens doque S. M. fas, nem porque os officios, que tenho dirigido ao Mesmo Senhor não tem ido parar á secretaria: quanto mais ereio, que V. Ex<sup>a</sup>. não acharia n’ella muitos do Ministro de Sardenha, a pezar de ter sido nomeado para lá em 1817, nem d’outros, primeiro, que eu despachados, e que ainda se achão em Paris. Sobre a ignorancia, emque dis se acha á cerea da minha



estada em Paris; participar-lhe-hei, que a minha demora foi devida à ordens possitivas, e immediatas de S. M., e o Mesmo Augusto Senhor teria Salvado a V. Ex<sup>a</sup>. o allegar com sua ignorancia se lho tivesse perguntado.

Pelo que respeita ao que V. Ex<sup>a</sup>. observa e que parecee indiear por cauza da resolução de S. M. isto he, que “ a Confederação Hêlvetica ainda não tinha nomeado ministro para “ a nossa Côrte, como pedia a devida reei- “ proicidade, e era d’esperar,” muito estimo para credito da Nação Portugueza, que V. Ex<sup>a</sup>. me não indicasse, que devia dar esta razam á Confederação Helvetica para se annullar a minha commissão; porquanto sabendo V. Ex<sup>a</sup>, que eu ainda ali não tinha apparccido, e sabendo se lá, que me dirigio este avizo, à Paris pareceeria ao Governo Helvetico huma inexplicavel ineonsequencia exigir reciproeidade de huma nomeação, quando esta lhe não tinha sido communicada !

Quanto porem á minha demora tenho aei- ma ditto, que ella resultara de ordens imme- diatas de S. M., e depois de haver cumprido eom o que se me tinha enearregado impossibilitou-me V. Ex<sup>a</sup>. mesmo a minha ida negan- do-me os meios, pois se recuzou, como con- tinuou a fazer o seo successor em Londres, o dar me nem ainda alguma parte dos meos ordenados, a pezar das ordens, que tinha, e doque me assegurou antes d’eu sair de Lon- dres. Sobre a seguinte passagem, emque V. Ex<sup>a</sup>. me intima, como ordem de S. M. para annullar a minha nomeação, e que “ me não “ considere mais como membro do Corpo “ Diplomatico;” tenho simplesmente a dizer

a V. Ex<sup>a</sup>, que eu já havia dado instruções a meu irmão no mez de Novembro passado para que, no eazo de V. Ex<sup>a</sup> entrar para o ministerio, pedisse humildemente a S. M. a minha demissão, expondo lhe, que era contra a minha consciência servir em huma repartição, a cuja frente estivesse V. Ex<sup>a</sup>, ou outrem dos seus princípios! Porém agora assim que V. Ex<sup>a</sup> chega e toma posse da secretaria passar hum Aviso tal; isso he differente, porquanto o Aviso de V. Ex<sup>a</sup> he todo contrario ao espirito, e costume do expediente das ordens dos Soberanos, principalmente na nossa Monarquia, pondo por dados princípios falsos, e não dizendo, que ignorando S. M., que he que devia constituir o fundamento da ordem; poisque ignorando V. Ex<sup>a</sup>, e não S. M.; creio, não he motivo para se pretextar a ordem d'El-Rey. O não achar V. Ex<sup>a</sup> officio algum na secretaria, não he igualmente assas, porque se V. Ex<sup>a</sup> os não achou não se segue, que S. M. os não tenha em seu poder. E finalmente o não ter mandado a Confederação Helvetica ministro não he igualmente de algum fundamento, visto que sem eu lá ter chegado como se podia realizar reciprocidade?

Portanto d'estes dados, que S. M. não ignora, não pode V. Ex<sup>a</sup>, reflectindo bem, fundar huma ordem Regia; com que vem a contrariar não só o que S. M. conhece (ainda que V. Ex<sup>a</sup> ignore) mas até o que o mesmo Senhor ordenou com a sua propria assignatura. E se S. M. ordenou por hum decreto a minha nomeação como posso eu, e devo jamais pôr a assignatura de V. Ex<sup>a</sup> a par da do meu,



o seo Augusto Soberano? e auctorizar a que V. Ex<sup>a</sup> com o seo nome desfaça o que elle manda? Pelo que rogo a V. Ex<sup>a</sup> queira pôr na presença de S. M. isto mesmo, e que são unicamente razoes de zelo pela sua Real auctoridade, que me impedem o poder estar pelo avizo de V. Ex<sup>a</sup>: e que se para a minha nomeação foi S. M. Servido fazer passar hum decreto em data de 7 de Junho de 1819, em que se dignava dizer, entre outras, que considerando o prestimo, e zelo “de Heleodoro Jacinto d’Araujo Carneiro, &c<sup>a</sup>.” Como hei-de eu deixar desfazer isto ordenado, e feito pelo seo proprio Punho com huma simples pennada de V. Ex<sup>a</sup>! substituindo ao meo prestimo e zelo a ignorancia, em que dis se acha! Protestando eu desde ja perante S. M. e a Nação de todas as violencias, que comigo V. Ex<sup>a</sup> tem practicado, e houver de praticar

tenho a honra de ser

de V. Ex<sup>a</sup>.

muito attento, &<sup>a</sup>.

H. J. D’ARAÚJO CARNEIRO.

ILL<sup>mo</sup>. EX<sup>mo</sup>. SR. CONDE DE PALMELLA.

*Londres 2 de Maio, 1821.*

P. S.—O que eu fazia saber a S. M. pelos Paquetes d’Outubro, Novembro, Dezembro, &c<sup>a</sup>, a respeito de varias coizas, e mesmo de V. Ex<sup>a</sup>; creio que se lhe podiaõ chamar officios: espero que S. M. os recebesse, como recebeo até á chegada de V. Ex<sup>a</sup> ao Rio de Janeiro, e que não fossem tirados do correio, como m’eraõ tiradas aqui as cartas, que vin-

haõ a esta Legação, pelo que escreveo o Avizo ; pois estou com a idea que foraõ elles, eo não os reeeber S. M. o motivo do furibundo do Avizo, e das razoens forçadas para que não deva estar na Diplomacia Portugueza quem assim fas officios e os dirige a El-Rey!

Lembra me hum anecdota de Jorge III.; e he, como o Poeta Ingles *Peter Pindar* ou Mr. Walleot; lhe tinha feito algumas satiras nas suas obras, depois do restabelieimento do primeiro ataque de Demencia levando lhe o Ministro d'Estado a lista dos condenados á pena ultima para assignar esereveo em baixo de todos El-Rey: *morra Peter Pindar!* Todavia os ministros acharaõ isto desvario; nem o Rey d'Inglaterra podia condenar á morte; faça lhe a applicação. O certo he que Jorge III. passou por doido; e o Poeta Ingles se fes mais conhecido, e V. Ex<sup>a</sup>. não sei porque passa! e ainda que me recomende com isto na oppiniaõ Publica não deixa de ser isto a eusta de hum transtorno immenso, que me tem cauzado os seos despotismos. No entanto quem até hoje tem sido sacrificado por não querer autorizar desfalques á Soberania, e á dignidade nacional! Como havia de cair na inconsistencia de lhe autorizar hum de tal lote? eu o que quero he, que a Nação Portugueza saiba, que nunca tive em vista que servila e El-Rey e identificar lhes os seos interesses, e jamais com os de V. Ex<sup>a</sup>! Quem fas o que V. Ex<sup>a</sup>. ja fes para comigo não admira faça o resto!\* Quando me enarreguei,

---

\* Quem tem falta de principios na vida privada não os pôde ter na vida publica, mandava dizer nos despachos me recomendava, ainda que me não conhecia individualmente.



de levar os despachos a S. M. em Agosto de 1818 tinha me prometido recomendar me ao S<sup>r</sup> Thomas Antonio; porem fêlo de hum modo funebre! isto depois do que me era obrigado, e de me eonheeer individualmente, e melhor que ninguem.

A respeito da parte do Avizo, em que dis: se me daraó 2,800,000 annuaes da caixa da Administração dos fundõs Reaes em Londres; mas isto á titulo de pensão e não de ordenado; tenho a dizer, que já se vê a razam; que he o mesmo que nada! pois até a expressão de V. Ex<sup>a</sup>; *porem receberá*, &<sup>a</sup> sem dizer S. M. Manda; he ainda para me nos valer tal Avizo, e pensão! em fim era ainda precizo, que V. Ex<sup>a</sup> tomasse *por algum tempo* posse da pasta para se juntarem a injustiças violeneias! Com que direito manda V. Ex<sup>a</sup> annullar a minha commissão? até sem se me pagar o que se me deve e indamnizarem me dos gastos, e despczas, que tenho contraido eom os preparativos, que he obrigado a fazer quem vai pôr huma cazá com decencia na capital da suissa?

Acabarei em dizer, que tanto, ou tam poueo tenho feito officios, que não havia hum só Paquete e Navio do Havre que nao levasse carta para S. M., esta ate a razam do porte das minhas cartas ser tam avultado. E creio bem que escrever a S. M., eomo o mesmo Senhor me ordenou he assas official.\*

de V. Ex<sup>a</sup>.

attento &c<sup>a</sup>.

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

E 2

---

\* Quando chegarã as noticias da revoluçã do Rio de

SENHOR !

Com o mais profundo respeito vai aos pes de Vossa Magestade. Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro, e pôr na sua augusta presença, que o supp<sup>e</sup> teve a honra de ser introduzido, e feito conhecer a V. M. em 1806, não como cortezam, mas sim como simples, verdadeiro Portugues, e vassallo fiel; isto he, jamais encobrindo o que conhecia de interessante a V. M., e até patenteando-o tal como sabia, ea sua consciencia lhe dictava.

V. M. tam longe esteve de reprovar a conducta do supp<sup>e</sup>, que pelo contrario lhe fazia saber por outrem oque era do seo Real Agrado; dignando se até dizer, que ninguem lhe fallava a verdade, como o Heleodoro! Esta condueta de 13 annos com os serviços, que o supp<sup>e</sup> tinha feito a V. M. á callada, e sem os Ministros d'Estado saberem o auctor, determinou V. M. a pôr em execuçaõ o que por varias vezes tinha querido, e a sua Real consciencia lhe inspirava; e foi servido despachar, e nomear o supp<sup>e</sup> para a suissa no decreto de 7 de Junho de 1819.

V. M., que tinha provas da conducta, e fidelidade do supp<sup>e</sup> dignou se dizer lhe alguns dias antes da sua partida “ esperava que lhe

---

Janeiro e da morte violenta do Conde de Palmella já estava na mala do Paquete esta resposta em duas vias; huma para El-Rey, outra para S. Ea. E como temos outra alma muito superior a dos souzas, e calharizes! por isso, se, quando se recebeo o tal avizo, se soubesse, que estava ja na Lama o auctor não fallariamos mais em tal; pois não temos os principios de familia de calcar os desgraçados, ainda mesmo sceletrados que sejaó! S. Ea. conhece bem as cartas, que se lhe remeterao no tempo que reinava! e o estilo que se seguia.



“ fosse fiel, como ate aqui tinha sido, e que  
 “ esperava lhe não voltasse a cazaca, como  
 “ tinhaõ feito todos cá fora; que me lem-  
 “ brasse sempre, que eu era creatura sua, e  
 “ despachado por V. M. contra a vontade de  
 “ muitos.”

V. M. encarregou o supp<sup>e</sup>. de certa com-  
 missãõ em Paris, para onde partio, tendo se  
 demorado pouco tempo em Londres, e cui-  
 dou, logo que chegou, na ditta commissao,  
 a qual cumprio ao seo Real Agrado e interesse,  
 e tendo acabado, e querendo partir para o  
 seo destino, onãõ pôde fazer por lhe faltar o  
 Conde de Palmella com a sua pensãõ, e os  
 commissarios do Banco com os seos ordena-  
 dos, de que até hoje ainda nao recebeo hum  
 real. Alem disto o Bispo de Coimbra nao  
 executava as ordens de V. M., tendo o supp<sup>e</sup>.  
 saido do Rio de Janeiro assegurado havia de  
 ser pago sem falta, e por isso fes arranjos e  
 despesas indispensaveis para a sua residencia  
 na Suissa.

Desde as desgraçadas transaçoes de 1817  
 o supp<sup>e</sup>. que não dormia nos interesses  
 de V. M., e da monarchia começou a dirigir-  
 se directamente a V. M., e mesmo porvia  
 d'outrem ponderando lhe humildemente o  
 estado, emque se achava Portugal e recco-  
 mendando a V. M. quizesse dignar se tomar  
 na sua alta consideraçãõ as suas humildes  
 reflexoes, fazendo vêr a V. M. o estado de  
 fermentaçãõ, emque se achava a Europa, e  
 principalmente Portugal com a falta do seo  
 Soberano. E assim que a 7 de Março de  
 1820 arrebentou em Madrid a revoluçãõ es-  
 creveo o supp<sup>e</sup>. a V. M., isto por duas vias

ponderando o perigo, emque estava Portugal com o novo estado da Hespanha, e subministrando á alta consideração de V. M. as medidas, que parecião ao supp<sup>e</sup>. essenciaes, e interessantes V. M. adoptasse à tempo para consolidar os interesses de V. M. com os da Nação.

Esereveo o supp<sup>e</sup>. a seo Irmaõ, que se achava em Lisboa eommandando o B<sup>am</sup>. de Caçadores N<sup>o</sup>. 5; dizendo lhe tinha coizas importantes a remeter a V. M., mas que só d'elle as fiaria; começou a eserever lhe em Março sobre isto, e até lhe dizia, que no eazo de lhe não darem lieença a tomasse elle mesmo, visto que era ao seo Soberano para onde ia: e depois de muitas difficuldades só em agosto sahio de Lisboa, e d'ahi chegou a Inglaterra e de lá a Paris, aonde o supp<sup>e</sup>. lhe deo para pôr na presença de V. M. seis Maços (A. N<sup>o</sup>. I.), (B. N<sup>o</sup>. II.), (C. N<sup>o</sup>. III.), (D. N<sup>o</sup>. IV.), (E. N<sup>o</sup>. V.), (F. N<sup>o</sup>. VI), nisto fazia ver a V. M. muita coiza, entre ellas, o estado eritico, emque se achava Portugal, eo seo Povo, eo necessario que era tomarem se, quanto antes, as medidas conciliadoras à evitar nao succumbisse. E tendo mandado huma letra do importe de tudo isto, veio protestada e até hoje se não tem pago, eo supp<sup>e</sup>. eomprometido, e arriseado! E vindo agora a Londres a vêr se se lhe pagavaõ os seos ordenados, visto ter-se lhe ditto tinhaõ vindo ordens, e fundos para se pagar quem se devia: e depois de pago partir para o seo destino, indo a 27 d'Abril passado á ressideneia do Ministro de V. M., D. Jose Luis de Souza, a vêr se pagava, oque elle ja tinha feito a outros; com a maior surpresa



vio o Supp<sup>e</sup>. se lhe deo hum Avizo aberto a lér, que o Marquez de Mariálva tinha reeebido do Riò de Janeiro para elle Marquez lhe entregar; no qual o Conde de Palmella em nome de V. M. manda annular a Nomeação, que V. M. por sua Alta justiça e consideração tinha feito ao supp<sup>e</sup>: elle supp<sup>e</sup>. remete a V. M. a copiã para que veja oque de certo o seo Coração nao Podia dictar para com hum vassalo fiel.

Senhor! Os serviços, e relevantes serviços do supp<sup>e</sup>, como V. M. muito bem sabe, clamaõ por justiça por aquella, que tanto deve caracterizar hum Soberano! o supp<sup>e</sup>. tem feito por V. M. coizas extraordinarias, que não he precizo trazer á memoria de V. M. Porem assim mesmo, como tem sido em segredo sem os Ministros d'Estado saberem, não tem tido outra alternativa o supp<sup>e</sup>, que ja opporem se os Ministros a tudo, que era adiantamento seo por suspeitas, e ciume: já muitos supporem-o espiam de V. M., co mais he, no sentido odiozo! Como s'elle deixasse jamais de conhecer V. M. que por pay do seo Povo, e tenha feito até hoje, que por identificar V. M. com a Nação; e não allicnalo d'ella, como tem feito o Conde de P. e outros! V. M. bem o sabe! e sempre esperci, que emquanto vivesse nunca permeteria fosse supplantado pelos inimigos da Nação e de V. M! Será crime Senhor? que o supp<sup>e</sup>. falle hoje assim do Conde de P.? quando outro tempo o não era! E como he possivel, que tendo V. M. ditto, que ninguem lhe fallava verdade como o supp<sup>e</sup>! Que não tinha cá por fora se não gente, que lhe tinhaõ

voltado a eazaea! Que esperava não fosse como elles! como he, digo, possível? Que tendo depois d'isso tanto trabalhado por salvar V. M., e a dignidade do throno e conciliar o respeito dos seus vassallos, assim que ali chega o Conde de P., V. M. s'Esqueça de tudo! e consinta que elle maltrate e offenda em publico hum homem, como o supp<sup>e</sup>! Elle tem ditto a V. M., que os seus maiores inimigos, e da monarchia eraõ aquellas autoridades, que em lugar de conciliar o amor, e fidelidade dos Portuguezes para com o seu Soberano eraõ pelo contrario os que irritavaõ e opprimiaõ! e que tendo desfigurado o melhor dos Soberanos na má execução das suas ordens e no abuzo da autoridade chamavaõ ainda em cima rebeldes aos Portuguezes! V. M. dignouse dizer hum dia ao supp<sup>e</sup>, que como sabia o que era seu amigo, que s'elle se achasse no Rio de Janeiro no dia d'Acclamação, que sem duvida havia de chorar: e que não tem elle chorado Senhor! quando se lembra, que V. M. não tem querido ter fé e confiança no que lhe tem ditto, e ponderado tanto a tempo este seu fiel vassallo e amigo! Eo que não tem chorado de ver, que os ministros e conselheiros de V. M. tanto o tem enganado e feito por indispor com o seu Povo! E por fim ainda em cima dar V. M. tal premio a quem tem sido tam extremo em o servir! se o Conde de P. ignora os seus serviços eo que tem feito a V. M. he isso huma razão para mandar em nome de V. M. contra elle? Se o Conde de P. não achou officios do supp<sup>e</sup> na secretaria (ainda que creio bem os achou no correio dirigidos a V. M.); segue se d'ali que os não



tenha mandado a V. M. ? No entanto veja V. M. a inconsistencia, e parcialidade ; pois que pessoas, que muito antes foraõ nomeados, como o Conde de Linhares, que foi em 1817 não partio para Turin, se não quazi á força, e não há muito ; eo Visconde de Santarem igoalmente nomeado antes do supp<sup>e</sup>. ainda se acha em Paris ! Porem são só para o supp<sup>e</sup>. similhantes pretextos ! Para aquelle, que nao tem dormido desde 1817 sobre os verdadeiros interesses de V. M. ! Para aquelle emfim, que V. M. chamava sua creatura !

E deixa V. M. agora, que o supp<sup>e</sup>. seja esbofeteado pelas proprias maons dos seos inimigos ! Mandon o Conde de Palmella o Avizo ao Marquez de Marialva como hum presente ! V. M. conhece a razam ! Não foi V. M. o mesmo, que Se dignou fallar ao supp<sup>e</sup>. contra a conducta do Marquez ? E ainda que nada lhe devia, não teve a coragem de fallar em seo abono na presença de V. M. ? E depois doque o supp<sup>e</sup>. soube a cerca dos partidos em Portugal, e que se communicou a V. M., porventura fallou elle no Marquez ? E doque depois se publicou em Paris em 1820, teve elle a culpa, de que o metessem no numero dos conspirados ou assim chamados ? Pelo contrario não teve elle supp<sup>e</sup>. mais de hum mes, como V. M. sabe, suspenso isto ? V. M. sabe assas, e nao precisa informaçoens sobre a conducta do Marquez de M. ; nem do Conde de P. ! Pois que foi de V. M. que o supp<sup>e</sup>. soube muita coiza, que ignorava a respeito d'elles ! No entanto se se dignar mandar a Paris pessoa, em quem confie sabera mais alguma coiza, que não obstante a minha franqueza não tenho ouzado dizer.

Que quer V. M., que o Mundo ajuize e as pessoas, que eonheecem o supp<sup>e</sup>.? vendo hum proceder tal! Que tem elle feito eontra V. M.? Tem V. M. porventura inspirado e mandado que identifieasse elle o seo Soberano eom os ministros? se o supp<sup>e</sup>. tem ditto e feito saber a V. M. alguma coiza eontra elles; a quem o devia elle fazer? Naõ tem sido V. M. mesmo quem assim o tem exigido? mandado? e quazi pedido? serà possivel Senhor? que tendo o supp<sup>e</sup>. trabalhado, ha 15 annos, em servir V. M., e livralo do que Deus sabe e V. M. naõ ignora! Com a ehegada do Conde de P. de tudo V. M. s'esqueça e até eonsinta similhantes violeneias, e afrontas! O supp<sup>e</sup>. Senhor naõ pode erer ainda isto, e elle espera, e confia na justiça e bondade de V. M. se digne eontra mandar simillhante avizo, e simillhante violeneia, violeneia Senhor, que até passa a desfigurar a alma do melhor dos Soberanos! Elle espera na justiea de V. M. Se digne mandar ir o supp<sup>e</sup>. appresentarse na sua missam e depois de lá estar algum tempo, se V. M. Achar o deve tirar seja servido fazelo; mas de modo que seja eom dignidade, visto que eom ella se tem eonduzido em toda a parte: pois d'outro modo he V. M. auctorizar hum affronta publica a hum dos seos mais fieis vasallos! E para isto roga a V. M. se digne mandar pagar ao supp<sup>e</sup>. o que se lhe deve, poisque sem isto eomo pode elle ir para o seo destino? E se V. M. para despaehar o supp<sup>e</sup>. nao quis attender que aos impulsos e dictames da sua eonscieneia, sejam pois elles os que nao permitao simillhantes violeneias! E no eazo que V. M. se nao queira servir mais do supp<sup>e</sup>. se digne mandar Lavrar hum



decreto, no qual faça significar os verdadeiros motivos, porque não convem, e que faça vêr que o seu prestimo e zelo até 1819 não fugio, nem abastardou. E que o que V. M. se dignar mandar dar ao supp<sup>e</sup>. seja por decreto, e mencionado a titulo de remuneração de serviços e não como dis o Conde de P. a titulo de pensão !

. Deus vigie nos preciosos dias de V. M. como s'interessa e deséja

o humilde, e fiel vassallo,

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Londres, 2 de Maio de 1821.*

ILL<sup>mo</sup>. SNR. PAULO FERNANDES VIANNA :

Pelas cartas, que estão a bordo do navio Izabella, e que está a partir; e pelas que igualmente remeti para se pôrem na presença de S. M. se verá bem verificado o que eu tenho previsto: as cartas para S. M. as remetia a V. S. rogando lhe as quizesse lêr, e no caso de lhe não parecer havia alguma expressão, que dezagradasse a S. M. as quizesse pôr na sua Real presença, escrevi assim a V. S., porque até já me tem posto d'ahi na situação de ter receio de dizer a verdade, por me parecer não agrada. No entanto como eu entam escrevia so' no receio do que podia acontecer, e vai muita differença do possível, e mesino provavel, á realidade e vejo agora o que vem de succeder, porisso lhe rogo as queira pôr na presença de S. M. para que acabe de se persuadir se o Heleodoro he fallador e se vê as coizas sempre por peor lado, ou pelo seo verdadeiro!

Eu não dezejava nutrir a minha vaidade de perspicacia com vêr realizado o que prevejo; muito mais quando isto he contra o melhor dos Soberanos, contra a Nação, e contra os meos proprios interesses; no entanto espero que V. S. me faça a justiça que mereço, e que veja se quem falla, como eu tenho fallado por mais de huma ves, e a respeito de mais de huma coiza, e realizandose, como sempre disse, e previ, digo, se quem fas isto, tem ou não direito de apparecer a publico, e de se queixar da irresolução de S. M....Se V. S. tiver ainda as minhas cartas de Junho passado verá n'ellas as ideas, que eu desenvolveia



sobre o modo de unir e estreitar os interesses de Portugal com os do Brazil, e sobre o unico meio de accommodar os descontentes na Europa. E sobre isto mais extensamente fallava a S. M. nas cartas, que por via de V. S. remeti ao mesmo Senhor. E agora vejo com bem satisfação minha isto posto em practica com a carta regia de 15 Setembro passado. Eu como falli nisto à quem o podia fazer pôr em execução, e o vejo logo assim executar, e o mais he quazi palavra por palavra; creio bem não será vaidade minha o quererme lisonjear de que scrvissem as minhas ideas; S. M. muito bem sabe, que ellas tem servido em muita e muita coiza; porem eondenado sempre ao *hos versiculos feci tulit alter honores*

De V. S.

muito attento, &c<sup>a</sup>.

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

Paris, 3 de Dezembro 1817.

---

ILL<sup>mo</sup>. SNR. PAULO FERNANDES VIANNA :

Tenho me demorado em Paris, e tenho a satisfação de o dizer com assas de proveito, e utilidade de S. M. e do Estado. V. S. ja tem visto a amostra: S. M. verá o resto; pois bem cedo mandarei ahi hum expresso e entam S. M. terá documentos bastantes (visto serem ainda preeizos) do pêzo, que devem ter as minhas representações.

Já disse a V. S., que sai d'essa côrte na persuasão de que as ordens de S. M. aos seus

vassallos valião ainda mais que lettras de cambio de negociantes aos scos eaixeiros ; porem desgraçadamente vivemos em humia epoea, em que tam pouco cazo se faz d'isto pela impunidade, em que ficão estes despotas, que comprometem os Governos e os Soberanos ! Exemplo recente o que vem de succeder na Hespanha ! Sahi, digo, na persuazam, e contando com a minha pensão da legação de Londres ; pois até para se me fazer a injustiça de me privarem dos emolumentos, que tem todos cá fora da Secretaria arbitrados em 800,000, se me allegou ahí tinha humia pensão paga pela legação de Londres : e sai alem disso contando com a execucao das ordens, e carta Regia passadas ao Bispo de Coimbra para se me pagar o que se me deve, porem chegando a Londres acho, que cada humia das auctoridades de S. M. calca as suas ordens ! o Conde de Palmella faltou ao que ajustou comigo á minha saida de Londres, dando depois saidas ridiculas ao seo despotismo !

Em Portugal o Bispo de Coimbra pela mesma razam de Aristocraeia, e falta de respeito a auctoridade suprema não executa ordens, que lhe não agradaõ, e só paga aquem lhe parece !

A vista disto custará porventura ainda muito a V. S. o entrar no espirito impaciente, que hoje se vê dominar em algumas partes da Europa ? Pensa V. S., que he o Povo o revolucionario ? certamente não ! he sim a classe superior, que pela bondade extrema dos príncipes se tem enchido d'orgulho, e ambição e deitaõ vistas a engrandecerem se á custa das regalias da magestade. O tempo lhe mostrará o resto !



He preeizo que nos intendamos, isto que se fas a autoridade Real a meo respeito, e na minha pessoa, se tem féito, e fas a muitos; e por isso os espiritos exaltados fallaõ, e pregaõ. Oxalá que S. M. se digne olhar para isto eom a attençaõ, que pede a situaçaõ aactual de Portugal! oxala que as minhas eartas do paquete passado, e d'este eheguem ás maons de S. M., e que o mesmo Senhor lhes dê o pêso, e valor, que mereeem: eu não heide ter jamais na minha eonseieneia a respeito d'El-Rey, e da minha Patria se não serenidade, e satisfaçaõ de ter feito o meo dever muito a tempo.

Tudo, que V. S. agora vir eserito a respeito dos ministros esteja persuadido he neecessario, pois para salvar El-Rey perante a Naçaõ he preeizo deixar contemplaçoens e fazer vêr, que elle he enganado; isto no dia de hoje he de mais pêzo e valor, que talvez ahi se pense; por isso não importa que d'ahi me deem os agradeeimentos, dou õs eu a mim mesmo, e já he assas: o estado de Portugal está eritico, e muito critico. E leve o diabo muito embora na oppiniaõ do Povo, e da Naçaõ hum, ou outro ministro, porem jamais se teuliaõ ideas erradas do melhor dos Reys. Eu creio que temos obrigaçaõ de apprender eom a experieneia, e liçaõ dos tempos passados: veja o que tem sueeedido em Hespanha há 12 annos; Carlos IV. dethronado pelas traçoens de hum ministro favorito! Seo filho Fernando VII. abdiar tambem, e depois de restituído obrigado a reeeber a Ley pela Naçaõ, quando a podia ter dado; e isto devido aos maos ministros e eonselheiros.

Eu não posso partir para a suíça sem se me pagar, pois não quero entrar com caracter de reppresentante d'El-Rey e da Nação começando por fazer de pobertam.

De V. S.

muito attento, &c<sup>a</sup>.

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 2 d' Abril de 1820.*

ILL<sup>mo</sup>. Sr. PAULO FERNANDES VIANNA :

Tudo, que V. S. vê em Portugal he obra dos Secretarios d'Estado! huns, que diziaõ ali não tem duvida! Outros que promoviaõ, e protegiaõ .....!! S. M. que lhes dê o pago! eu tenho fallado a tempo; as coizas, segundo iaõ em Portugal era impossivel, que durassem, sem haver explozam! o mais ou he ser muito ignorante, ou atraçoar o Soberano! eis aqui ja porque terá visto me sahi a eserever, como tenho, pois era preeiso mostrar ao Publico e á Nação quem era a eauza d'isto; e que El-Rey era enganado! Porquanto nem todos sabiaõ isto; nem que S. M. dava ordens, e se não exeeutavaõ. No meo modo de vêr, o mal, tal como succedeo, foi o menor que podia ser: S. M. tem provas de que haviaõ outras vistas, e de peores consequeneias; portanto já V. S. vê, que o que resultou comparativamente foi hum bem; e o tempo lhe mostrará que até absolutamente.



O grande ponto agora he mudar de ideas, e de cabeças, e fazer por tirar o mellhor partido possivel das circumstaneias; e já que S. M. não foi Maehiavel para com Portugal; o seja para com o Brazil! S. M. melhor que ninguem sabe, que as desgraças dà Monarquia foraõ sempre obra dos ..... ambiciozos! ignorantes! e insolentes! e que foi sempre o Povo o que deffendeo o throno, e com quem se tem em todas as oceasioens achado. E senaõ veja quem he que não executava as ordens d'El-Rey! E quando se fas isto; o que se deverá esperar? eu bem gritei, e disse que o que se me fazia se fazia a os outros; e que tudo reflectia na Soberania! Porem era *vox clamantis in deserto*.

He tempo de mudar de sistema, e fazer por eseolher os homens para os lugares; e não os lugares para os homens! He tempo de tirar de eertas familias os lugares do Estado, que se devem occupar por homens de conhecido merecim<sup>to</sup>. e probidade. Veja, ha 20 annos, quem tem estado em Londres? Huma missam tam interessante!

Reeço agora a de V. S<sup>a</sup>. de 25 d'Agosto; e como eu já estou aeeostumado a ter a paga do meo zelo, e vigilaneia pelos interesses de S. M.! não me admira muito o que V. S. me dis: no entanto sempre direi, que he aonde ehga a eegueira! e ingratitude! diz V. S., "os males e perigos que V. S. espera, e pondera já para Portugal não se accreditaõ absolutamente, porque razoavelmente não são acreditaveis e só podem ser partos de ingratos, e de ignorantes dos cuidados que merecem ao Monarca a felicidade d'aquello Reino, &c<sup>a</sup>. &c<sup>a</sup>."

A isto não tenho reflexão alguma a fazer, senão, como Jeremias dizer: olhai para Jeruzalem! eu bem o disse.—Se S. M. tivesse tido mais alguma confiança no que digo; e se se tivesse dignado attender ao que repeti até em duas vias em Março, e Abril passados, se teria livrado do que vem de acontecer; e teria evitado, que o Povo commettesse o attentado de se constituir Soberano! Eu nunca remeti a S. M. carta alguma em duas vias, que a de 31 de Março passado: isto porque achava o tempo assas critico, e porque não dormia nos interesses de S. M.....eu não advinho futuros; mas tenho lido e reflectido a historia antiga, e moderna, e sendo os homens os mesmos devem se esperar os mesmos resultados, achando se elles em circumstancias identicas. O mais he ser ignorante! ou alguma coiza peor! Eu ainda fallo a S. M. sobre o Brazil; Queira Deus que me queira dar mais attenção; e sobre o modo de evitar ali scenas igoaes! O que aconteeo em Pernambuco ja devia ter servido de lição! Não queira pertencer aos *naó tem duvida!!*

Dis me V. S., que eu não lhe fallei claro sobre o papel, que aqui se publicou—eu o faço se o não fis. Já saberá a estas horas os partidos, que haviaõ em Portugal. Mandaraõ aqui huma carta de Lisboa para se fazer inserir e publicar nos Jornaes. Mostrou ma hum dia o Sodrè, e eu lhe disse seria melhor mandala a S. M., e que com isto se lhe fazia hum grande serviço; ao que elle annuo, &e<sup>a</sup>. e passado hum mes a vi hum dia publicada em hum folheto intitulado *Pièces Politiques*. E indo n'esse dia por aeazo a eaza do Mar-



quez de Marialva, e vindo a conversa sobre isto, como me achava resentido da falta de palavra, e de se ter publicado, não obstante o que se tinha ajustado, eahi na fraqueza de dizer ao tal Marquez, que eu tinha impedido, se publicasse a ditta carta, mais de hum mez, cujo original, ou copia eu tinha em meu poder, e para maior prova prometi de lha mostrar, o que fis no dia seguinte e até lhe disse m'a tinha confiado o Sodré—e a paga disto foi o tal Marquez, depois de se servir da minha franqueza, passado hum mes, queria que eu fizesse huma figura ridicula no publico denunciando pessoas, que debaixo de honra me tinham confiado coisas de segredo, dirigindo-me cartas com nome de officios! a que eu respondi, cuja copia remeti a V. S<sup>a</sup>: ora aqui tem V. S<sup>a</sup> tudo por extenso. E esteja certo a não querer morrer obstinas; que havia mais ou menos d'isto em Portugal. Em fim S. M. deve mandar tudo ao diabo! e servir-se com outra gente. Se eu não conhecesse os honrados sentimentos de V. S., quando me disse que va para o meu destino, e me não meta, &e<sup>a</sup> diria que era conloio! ou outro qualquer absurdo! Terei eu estado aqui fazendo o que tenho feito para me divertir? e teria eu? tendo ido para o tal meo destino, prestado a S. M. os serviços que tenho prestado, e que quiz prestar? que teria eu feito no meo destino? depois do que me riseou, e borrou Thomas Antonio! que por isso he que S. M. se acha como se acha! Senhor Paulo Fernandes; quem tem servido S. M. eo estado como eu; não pode ser indifferente, e insensivel a ingraticidios; e ineconsequencias; veja mesmo

que sahi d'ahi ha 15 mezes e não tenho recebido hum real! E qual será o méo destino? pedir esmola? quazi que o tenho feito para servir a S. M.! Alguem me fara justiça hum dia! Quem vê V. S. nos seos destinos dos que foraõ despachados muito antes que eu? E que fazem elles senaõ divertirem se em Lx<sup>a</sup>: tendo ate reeebido somas avançadas; e eu sem reeeber real, e empenhado! assim mesmo fazer os serviços que tenho feito a S. M.! Isto he que he destino! ou fado!

Se S. M. quer ir eom a Nação aeho na minha eonseiencia deve mostrar estava enganado; e mal servido, e não admittir nos seos eonseelhos pessoas, em que a Nação não tem eonfiança alguma. Em fim fazer eomo fez Fernando VII., para se salvar, não poupar aos que o trahiraõ. Olhe que se assim não obra prognostieolhe hum mal irremediavel! tema, e trema dos meos prognostieos, a pezar do que elles tem sido de joeosos ate hoje para eom V. S<sup>a</sup>.

Se o que vem do fazer o agente do eonloio; isto he, o G.....o ainda não abre os olhos a V. S<sup>a</sup> entam he lastima! Sabe muito bem que assim que eheguei a Londres para evitar huma outra, isto he deixarem de mandar a S. M. os jornaes, quando muito lhes parecia a esta roda: arranjei eom o meo eonrespondeute em Londres de remeter todos os mezes á Seeretaria da Legação, o Campeam, eo Corr<sup>o</sup>. Bras. eom hum sobscripto a S. Magestade: isto, que até disse ao Conde de Palmella, isto he, que tinha ordem de S. M. de remeter ao mesmo Senhor varias eoizas. O certo he que eomo o Corr<sup>o</sup>. Bras., eo mais he o Cam-



peam de Setembro não iaõ ao paladar do con-  
loio, sahio-se o tal agente do G.....o em  
mandar reeambiado ao meo eonrespondente  
o embrulho dirigido a S. M. ! Porque, ja se  
sabe, sabia o que ia dentro, porque tinhaõ  
aberto alguma vez, ou o faziaõ sempre ! ora  
se isto não faz desenganar S. M. e a V. S.  
entam não sei o que sera preciso. Isto não  
he nem mais nem menos do que ser S. M.  
como prezo ! e á dispozicao d'esta gente,  
que já o menos que fizeraõ foi exasperar a  
Nação ao ponto de eometter o que eometteo !

De V. S.

muito attento, &c<sup>a</sup>.

(assinado)

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 31 de Outubro de 1820.*

---

ILL<sup>mo</sup>. Sr. PAULO FERNANDES VIANNA:

Tenho relido a carta de V. S. de 24 d'Ou-  
tubro, e cada ves me resinto mais da injustiça  
de V. S. para eomigo. Depois de me ter ditto  
na sua de 25 de Agosto, que os males, e peri-  
gos, que eu pondero já para Portugal se não  
acreditaõ absolutamente, &c<sup>a</sup>. dis me agora  
depois d'isto se verificar que “ de nada serve  
“ dizer eozas, que se não intendem, porque  
“ se sabia o que havia de succeder eumpria  
“ que fallasse claro, &<sup>a</sup>. ”

A minha eonrespondencia com V. S. tenho-  
a aqui, assim como a eopia do que tenho es-  
crito ; n'ella vejo, que tenho fallado bcm

claro, principalmente a S. M., que julguei ser a quem me devia dirigir particularmente : e pela carta de V. S. vejo com satisfação, que S. M. tem recebido todas as minhas até a data da sua de 24 d'Outubro. Lembro me muito bem quanto ali disse a V. S., e daqui lhe escrevi ; que em Portugal se precisava tomarem-se medidas, e darse-lhe huma forma regular na administração ; por outra fazer S. M. convocar as Côrtes, e isto porque via ea por fora a oppinio publicca, e o estado da Europa, e nunca quis enganar El-Rey, e dizer-lhe, tudo vai a melhor. E quando arrebentou a explozaõ na Hespanha a 7 de Março, entam escrevi largamente a S. M. em duas vias fazendo vêr ao mesmo Senhor a necessidade de mandar S. A. R. para elle por ordem de Seo Pay fazer convocar as Côrtes, e dar a Ley, antes, que a quizessem impor : e he isto fallar elaro ou oque he ? Se S. M. se dignar mostrar a V. S. o que escrevi ao mesmo Senhor entam não me diria mais que “ se “ sabia oque havia aeonteeer eumpria que “ fallasse elaro.” Creio que fallei tam elaro como ninguem teve coragem de fallar a S. M. ; isto porque o respeitei sempre eo amei a pezar de nao ter recebido titulos, nem commendas e nem mesmo os querer ter á eusta de ser velhao e comprometer os interesses verdadeiros da minha patria, que saõ os meos mais caros. Fallar lhe mais claro não podia, porquanto ser politico não he ser feiticeiro, nem fixar o dia e hora, que a explozaõ arrebentaria ! O que he revoltante, he que aquelles, que perdem os seos dias, e noites em excogitar meios de salvar a dignidade



d'El Rey e da patria se deixem calear pelos que estao vivendo luxuriosamente á eusta da oppressao da Nação !

S. M. foi quem me mandou ter com V. S. em 1812 para se arranjamem por sua via em Londres coizas, de que o Conde das Galveas não era d'acordo; mas que, não obstante isso, S. M. queria se fizessem: desde essa epoca data a nossa courespondencia e terá colligido d'ella os meos principios, eo que trabalhei sempre por salvar El-Rey do preeipicio aque o levavaõ os ministros. Eu tenho cartas de V. S. em meo poder, em que me dis da parte de S. M. lhe dissesse a verdade eo que sabia, visto estar cá por fora melhor ao facto do que se passava no Mundo; e que hum tempo viria, emque S. M. seria justo e generozo para comigo: e tenho cartas eseritas depois, cinque lastima a irresolução de S. M. e consentir, que ministros, que nao conheciaõ os meos talentos e prestimo se houvessem d'oppor à tudo, que era de meo interesse. E tenho cartas emfim, emque me dis se não atrevia a mostrar o que eu eserevia porque fallava demaziadamente claro! Se eu algum dia publicar tudo isto nao se admire

De V. S.

muito attento, &<sup>ca.</sup>

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Paris, 3 de Janeiro 1821.*

ILL<sup>mo</sup>. Sr. PAULO FERNANDES VIANNA.:

Nao tenho a dizer a V. S. senão repetir o mesmo; e que à pezar da pouea esperanza, que tenho de S. M. attender ao que tenho ditto, ainda para deseargo de minha conseiencia digo, para que o ponha na sua Real presenea, que os aeonteeimentos de Napoles e do Piamonte nada devem alterar a marcha das eoizas em Hespanha e Portugal; a Hespanha he o Baluarte de Portugal, e naô tam faeil a conquistar, como a Italia. Portanto espero, que não queiraõ ainda ahi erer em, tudo está soeeegado: a mesma expedieaõ, emque se falla da Russia contra a Hespanha, nem eu ereio em tal, nem mesmo que se verifique, que hajaó de fazer 100 mil Russos o que não poderao fazer 400 mil Franceezes do elite da tropa de Buonaparte.

De V. S<sup>a</sup>.

muito attento, &ç<sup>a</sup>.

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Londres, 3 de Março de 1821.*

---

JOAQUIM :

Ahi saberás já como vão as eoizas do nosso Portugal, eu digo a S. M., e tu dirás a todos, que sendo hum mal não se terem tomado medidas a tempo, como eu disse e ponderci a S. M., assim mesmo este mal hoje he lum bem relativamente ao que se premeditava, pois sabes dos partidos, que haviaõ em Por-



tugal! ea Nação para evitar ser tormentada saio-se eom oquese vê: torno a repetir te bem, ou mal, que pareça a El-Rey, deve saber, que foi melhor que o resto. Eu disse a tempo oque se devia ter feito, porem como o mesmo Senhor não quis ter em mim a confiança que devia ter, a pezar de ja saber, que lhe fallo a verdade, a até telo elle mesmo ditto, eis aqui porque succedeo oque succedeo: tu saberás algum dia melhor quem eu sou eoque tenho feito por salvar a nossa patria e El-Rey.

Teu Irmão e amigo

HELEODORO.

*Paris, 3 de Outubro de 1820.*

---

JOAQUIM:

Sabes, que quando saistes d'aqui toda a minha mobilia estava já no armazem das conduçoens para ir para a Suissa, mas não tendo ido já por me querer lá aehar á chegada disto; no entanto esperando que se me pagasse o que se me deve vejo pela resposta do Guerreiro, que continua a mesma ebieana do Conde de P..., e portanto não posso partir, pois que não quero eomeçar a carreira fazendo figura de ealoteiro e Pobertam! Remetote a eopia da conrespondeneia dos meos proeuradores eom o Guerreiro. A vista doque verás o systema seguido, como El-Rey tem estado traido! Já se não eontentaõ em não executar ordem alguma sua, inas até não querem, que Elle

receba, e leia senão o que lhes parecee e agrada! Isto he eustozo a erêr! porem he facto. E portantõ eonheerás quem he que promoveu a revolução em Portugal! Cada hum governava para o seu lado, e El-Rey era oque menos era obedeeido! Eu clamei muito à tempo, porem não se fez eazo doque disse: no-entanto acabarei os meos dias com esta satisfação. Eu assim nem posso, nem devo servir S. M., pois, segundo vês, nem me reconhecem com earakter d'empregado, nem eu sou feito para vêr estar a dar punhaladas, a pezar das gritarias, que faço para as evitar!

Se vires, que S. M., depois de tudo isto, não muda de systema, e não tira do seo serviço similliante gente; e que o Conde de P... entre para o ministerio! emtam com toda a submissão dirás ao mesmo Senhor da minha parte, que em atençaõ aos meos serviços oque peço a S. M. he m'os queira remunerar, como a sua generozidade, e conseienea lhe inspirar; e de me dispensar de hum lugar, emque não posso fazer serviço algum ao mesmo Senhor, visto que não posso eserever-lhe nem remeter lhe senão o que querem estes seos inimigos, e do estado!

Tu sabes quaes são os meos sentimentos para com S. M.: elle mesmo os conhece sem equivoco, e por isso fallo á boea ehêa, que o passo que vêm de dar os Portuguezes veio a servir de livrar S. M. da maior eonspiraçaõ, que jamais se tramou em Portugal! Que os ambieiozos tinhaõ em vista huma Aristoeraeia, e que esta não podendo durar, havia Portugal eahir por força nas maons da Hespanha! Oxala que S. M. queira attender ao



que lhe tenho ponderado para evitar se realize a expeetação do partido Hespanhol!

O Beresford chegou á Barra de Lisboa a 10 de Outubro, mas não o deixaram desembarcar, e veio para Inglaterra no paquete. Tendo mudado as coizas era natural o não deixassem desembarcar. E se deixassem talvez seria peor para elle, e quem sabe se para S. M.!

Teo Irmaão e amigo,

HELEODORO.

*Paris, 6 de Novembro, 1820.*

---

JOAQUIM:

Como tenho ponderado e previsto, há muito, a El-Rey oque veêm de succeder; e tenho agora até dó de lhe fallar em tal, visto não ter remedio; por isso te peço, que quando lhe fallares lhe digas, que não olhe os aeeontecimentos de Portugal, como resultado de rebeldes, como lhe chamaõ os da roda do Conde de P., mas sim como esforços, que huma Nação abatida foi obrigada a fazer para evitar o sueeumbir, e ser eserava d'outra. Que elle ainda pôde dar alguma direcção aoque Lá se passa; e toda no Brazil. Porem oque eu agora estou vendo, he, que El-Rey porisso que eonheee na sua conseieneia, que lhe fallei a tempo, e prognostiquei tudo, por isso que se não servio do que lhe disse vêm a ser a minha memoria, como huma alma d'outro mundo, que se detesta por que eauza remorsos! Como s'eu tivesse culpa de não se

tirar vantagem do que lhe disse a tempo! porem assim costuma ser o Mundo! ;eu por experiencia já sei como elle he: tem as melhores intençoens eo melhor coraçãõ; porem huma indifferença inveneivel a pôr em execuçaõ oque lhe dieta a sua alma. Senãõ olha o que tem succedido comigo. Depois d'eu poder dizer sem bazofia, que ninguem lhe tem feito eá por fora serviços e ao estado como eu; e querendo dar-me hum testemunho disto, e dando-o, mas muito por alto, a intender a Thomas Antonio, este se saio em 1818 em me nomear official de seecretaria! que eu rejeitei em 1802; e depois tendo El-Rey ditto me havia fazer passar as credenciaes de Ministro residente na Suissa, Thomas Antonio glozou isto, e foraõ preeizos dois Lembretes á margem eseritos por S. M., em que dizia queria o meu negocio feito; para se sair com a nomeaçao de Enearregado de Negoeios! Tenho até produzido coizas, que os outros ou ignoravaõ, ou encobriaõ, prova a tua viuda, e o fazerte abandonar o B<sup>am.</sup>, isto porque aheei necessario; e assim mesmo continuando a ser aeabrunhado! e por tanto posso eu viver satisfeito com similhante proceder para comigo? E ainda em eima Paulo Fernandes, que millhor, que ninguem sabe da minha condueta; em huma earta de 25 d'Agosto depois de me dizer, que “ todos os  
 “ males, e perigos, que eu pondero já para  
 “ Portugal não se aereditaõ absolutamente,  
 “ &<sup>a.</sup>” continua, que me deixe d'isto, e vá para o meu destino! hum homem que até nas suas eartas lastimava a injustiça d'El-Rey para comigo, e que sabe não reeebo hum



real, se sae comisto ! e o mais he na outra de 24 d'Outubro ; como já Lá tinhaõ chegado as notéias de Portugal se sac cm dizer, que “ de nada scrve dizer coizas, que se não intendem, porque se sabia oque havia de acontecer cumpria que fallasse claro, &c<sup>a</sup>.” que te parccc isto ? quando pondero a situação de Portugal, e o perigo, cmque esta ; dis-se-me se não accreditaõ os meos reccios ! e quando se verificaõ dis se, “c sabia doque havia succeder porque não fallei claro ! ora aqui tens como he tudo ! e como á vista d'isto perco o meu tempo. A minha consciencia he o meo melhor Juis ; ella dis-me, que no meio da conducta escandaloza d'esta canalha, como lhe chama El-Rey ; a minha tem sido assas clara, e toda para salvar S. M., e o estado ; por isso nunca commeti, nem jamais commetterei baixezas ! S'eu me quizesse fazer conhecido e mesmo acreditar, não tinha que publicar a correspondencia, e cartas, que para ahi tenho escrito, pois cntam se veria, que no meio da corrupçaõ d'estes degenerados Portuguezes ainda tem havido algucm com sentimentos dos nossos maiores ! Tem-se-me aconselhado fazer isto publico, porem como sou consequente e não quero acreditar-me á custa d'El-Rey por isso o não tenho feito.

Tco Irmao e amigo,

HELEODORO.

*Paris, 8 de Dezembro de 1821.*

JOAQUIM :

Estão á espera das tuas noticias com a maior aneiedade, poisque suppus eonhecias a minha situaçáo, e como tal fallarias a El-Rey elaramente, recebo a tua de 18 de Noveinbro, na qual vejo me entretens em expeetaçoens ! Já te disse, que nem em Londres, nem em Paris exeeutaõ ordem alguma à meu respeito, e que para todos os diplomaticos appareerá dinheiro inenos para mim. Sabes, que vão em dois annos que não recebo hum real, e para tudo ir conforme, e me perseguir, tendo-te feito vir aqui para lebares a S. M. coizas importantissimas ; huma letra, que mandei em Agosto d'esse importè veio agora protes-tada ! por isso maldita seja a idéa, que eon-eebi de te fazer aqui vir ! Aqui vês o premio, que tem quem se mete a fazer mais doque deve ! peloque te peço que assim, que reee-bas esta, falles a S. M. e ponhas na sua pre-sença isto tudo, e que mande sem falta embolçar Mess<sup>es</sup>. Miller e Comp<sup>a</sup>. da soma da tal letra, emque importaraõ as coizas, que levaste, coizas, que mereciaõ a sua Real gra-tidam, e não similhante paga ! poisque eraõ para o salvar e a Monarquia ! e igoalmente mande pagar aos dittos Mess<sup>es</sup>. Miller e Comp<sup>a</sup>. oque se me deve, e oque se te ávançou aqui para a viagem, e que sem isto não posso partir para a suissa ; estando-se-me noentanto perdendo e arruinando muita coiza empaeotada, e em armazaens humi-dos, &<sup>ca</sup>.

Já Saberás, que na promoçaõ, que o go-verno provizorio fes em Portugal saiste des-



paehado : lembrarem se em Portugal de ti, a pezar de saberem, ou suspeitarem saiste para serviço d' El-Rey, te fas muita honra, e deve fazer abrir os olhos a El-Rey, e deenganalo, que em Portugal não são inimigos do thronô, nem da sua dinastia.

A respeito do que me dizes mandara dizer a El-Rey o Marquez de M... nada me admirá senão que El-Rey ainda o eonserve, e aos da sua roda nos lugares, porem ja estivemos mais lonje de vêr hum fim a isto ; e d'El-Rey ser obrigado a tiralos, quando o podia ter feito por si mesmo ! Não me admiro de me dizeres que já ahi correrá que El-Rey te mandara prender, pois que o premio, que eu tenho tido não he inferior a isso, negando-se me até pagar huma letra do importe de coizas, que levaste, que nada menos eraõ, que para o livrar, ao menos fazer por o livrar de perder para sempre Portugal ! ainda elles haõ de dizer, que eu estava eombinado com os ehfes da revolução ! e que há 4 annos que sabia d'isto ! eu já não quero peças a El-Rey coiza alguma, senão que me mande pagar o que se me deve para me poupar algum enxualho.

Tira d'isto a lição que quizeres.

Teo Irmaõ e amigo,

HELEODORO.

*Paris, 10 de Janeiro de 1821.*

JOAQUIM :

Esta he a dizerte, que aqui vim para Londres não só a vêr se se me paga, mas até porque não quero estar, em huma terra, aonde ha hum conloio diplomatico contra Portugal! Eoque he mais, he, que segundo verás no Campeam de Fevereiro me meteraõ no tal conloio, isto à mim, que tenho elamado contra tal dezaforo, como S. M. muito bem sabe: mas já que me fizeraõ esta graça farei publicos os meus sentimentos e verás a declaração, que faço no Campeao, e no Correio Brassiliense de Março; S. M. não póde exigir de min, que receba estes aleives á ealada. Eu nunca fui hypoerita, e muito menos o seria á cerea de coizas, que me liongeo têr previsto, e até aconselhado muito a tempo a El-Rey a marcha, que devia ter seguido para conservar intacta a sua dignidade.

Se apertarem muito comigo farei publico o que tenho ditto, e eserito.

Teo Irmam e amigo,

HELEODORO.

*Londres, 8 de Março, 1821.*

---

JOAQUIM :

Constando-me, que o Ministro em Londres estava a pagar aos empregados, me resolvi a ir proeuralo a vêr se emfim me pagava, o que fis a 27 d'Abril passado; e entrando me disse vinha de receber hum avizo do Conde



de Palmella, que lhe remetera o Marquez de Marialva para se me entregar. O ditto avizo vinha aberto, e isto de proposito para todos lêrem; remeto-te a copia, e da resposta, que mandei. Ora aqui tens a paga, que El-Rey me deu! quem o tem servido como eu; e quem tem sacrificado por elle tudo, menos a honra! É aqui o premio de te fazer tirar, e a Joze Maria de Portugal para irem para opé d'elle! Consentindo, e mandando seja esbofeteado pelas proprias maons dos meus inimigos! e tendo-me até feito vestir huma purpura para melhor se vêr a lama que me atiraõ á cara! e quando eu esperava huma satisfaçã ao proceder escandalozo, que na legaçã de Londres tinhaõ practicado em Outubro passado contra elle! não querendo aceitar embrulho, ou carta alguma para El-Rey, tendo m'õ aliás elle assim ordenado; vêm-me hum avizo tal! não respirando, que insoleneias, e afrontas! Dis, que “ não achando officio algum meu na secretaria,” como se os officios, que tu levaste à S. M. o não estarem na secretaria seja culpa minha! e como se os que eu tenho dirigido directamente a El-Rey tenha eu culpa d'elle os não vêr! porem aqui tens como ia tudo, e ainda vai, eoque he mais, he saber El-Rey tudo isto, e assim mesmo consentir similhante dezaforo! se aeazo soube de tal avizo!

Alem disto o cunhado Conde de Linhares, que foi despachado dois annos antes de mim, e que partio para o seu destino, não há muito, e porque o pozeraõ quazi fora de Lisboa! e o Visconde de Santarem, que igoalmente foi despachado primeiro que eu, e se acha ainda

em Paris, e alem diso o eellebre Guerreiro nomeado em 1817 e ainda aqui em Londres! d'estes não se falla, nem em faltas d'officios! Porem o que elle devia dizer no Avizo era, que; *visto eu não perteneer ao conciliabulo de Paris e aos inimigos da patria e dos meos compatriotas, e dirigir a El-Rey officios contra elle, e os que tramavaõ huma cruzada contra Portugal, &c<sup>a</sup>. devia sair do tam respeitavel corpo diplomatico Portuguez!!!* S'elle fallasse assim no avizo, era ser mais consequente no seu dispotismo! e não alegar absurdos; hum homem, que me demorou aqui com as suas vexaçoens sem me querer pagar; o que fazia quem queria, e até dando pensoens ao seo caprieho aos da sua roda!

Que te parecee este proceder? nomear se hum homem para hum lugar de representaçãõ; deixarem o fazer gastos enormes com preparativos indispensaveis aquem ia pôr huma eaza com deceneia na suissa! ter este homem parte já disto na suissa: parte no caminho, e em Paris; e mandar hum *vizir* d'estes annullar isto; sem se lhe mandar pagar o que se lhe deve; nem indamnizalo dos gastos feitos com preparativos, e conduçoens, &c<sup>a</sup>! D'isto só se vê na Turquia, e nos 40 dias da *infausta governança do Conde de Palmella!*

Depois disto eserito a até posto no correio ehegaraõ as notieias da revoluçaõ do Rio de Janeiro. E vejo que o povo lançou fora com ignominia esta corja de ministros, que levarãõ El-Rey ao preeipiciõ, e ao estado, em que se acha! emfim já he alguma coiza para mim o vêr, como a Naçaõ contemplou hum homem



todo opposto aos seus interesses e ás minhas ideas! e o vêr, que antes de ser detronado tinha deelarado que eu era opposto ao seu systema anti-nacional.

Teo Irmaõ e amigõ,

HELEODORO.

*Londres, 12 de Maio de 1821.*

---

AMIGO E S<sup>r</sup>. COSTA:

Assim que reeeber esta veja se arranja hum artigo, emque faça vêr aos Portuguezes a neecessidade da demora ainda d'El-Rey no Brazil bem a seu pezar, e emque diga, como por informaçãõ, que teve do Rio de Janeiro; que El-Rey, desejando eontentar de todo o modo huma Naçaõ, que lhe lie por todos os motivos eara, tem determinado fazer ehamiar deputaçõens de todos os tribunaes, da junta dos tres estados, e da eaza dos vinte e quatro a fim' de se arranjar hum plano para a melhor expediçaõ dos negoeios e interesses de Portugal; e para que se possa na sua auzencia ter toda a eommodidade na execuçaõ das Leys. Emfim dê a intender se lhes quer preparar huma marcha regular e constitueional para se evitar irem por qualquer coiza ao Brazil.

Eu fallei n'isto a El-Rey e lhe pedi lieença para lho mandar assim dizer. Donde poderá coligir duas eoizas; huma a eoragem, que tenho para lhe fallar n'estas materias, que os secretarios d'estado reputariaõ hum atten-

tado ; e a outra a melhor dispozição, que El-Rey teêm para ouvir e fazer executar tudo, que elle julga para bem da Nação : eu estou persuadido, que por fim alguma coiza se hade fazer à favor de Portugal, pois fazendo a devida justiça a El-Rey he impossivel ter-se hum soberano de melhores intençoens e que mais dezeje o bem do seos vassallos : a desgraça he o ter elle sempre eaido nas garras de ministros egoistas e que nada lhes importa a prosperidade da Nação.\*

Sou seo muito,

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

*Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1818.*

---

\* Publico esta carta para fazer vêr, que eu tanto olhava em 1818 para o estado critico de Portugal, que me arrojey a ir ter com El-Rey e fallar lhe nisto ; e mesmo para o dispor, pedir lhe licença para fazer publicar nos Jornaes as intençoens, que S. M. tinha. D'onde se vê bem, que os ouvidos d'El-Rey naô s'escandalizavaô com as ideas e planos liberaes ; mas a desgraça era, que ao momento, que eu assim lhe fallava, os secretarios d'estado, tanto os nomeados, como os em exercicio, transtornavaô tudo, e frustravaô os meus esforços : varias vezes me mandou ter S. M. com Thomas Antonio para o informar de coizas, que elle ignorava ; e que naô erao poucas ; e eu deixava de ir por saber por experiencia perdia o meu tempo ; pois que naô só se naô fazia oque eu lembrava, mas ainda em cima lhe fazia ter mais ciumes dos que já tinha, e por isso me sai do Rio de Janeiro deixando os meos negocios no ar.



ILL<sup>mo.</sup> Sr.

Convindo muito ao serviço de sua magestade, que tudo quanto V. S. me revelou a cerca do autor, ou autores de huma carta (supposta datada de Lisboa aos 20 de Abril p.p.) que por extracto vem transcrita no folheto intitulado *Pieces Politiques*, que ultimamente foi dado á luz n'esta capital, tenha hum character official, e seja constante de hum modo formal, ostensivo e permanente dirigo-me a V. S. paraque haja de responder a este meu officio repetindo fielmente por escrito tudo oque verbalmente me disse a este respeito.

Deos guarde a V. S. Paris, em 20 de Junho de 1820.

MARQUEZ DE MARIALVA.

Sr. H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

---

ILL<sup>mo.</sup> EX<sup>mo.</sup> Sr.

Como a situação, em que me acho me impede de poder, e dever reconhecer por officio, senão oque me he mandado expressamente por sua Magestade El-Rey N. S., por isso me vejo na dura situação de não poder responder á carta de V. Ex<sup>a.</sup>, chamada officio, de 20 do presente mes. Quanto mais, que oque as pessoas de bem communicão humas ás outras em boa fé e confidencialmente, me persuado, não he para se repetir officialmente ! Alem de que he preciso não confundir o que disse a V. Ex<sup>a.</sup> sobre a carta em questão, pois que nunca lhe disse era forjada aqui.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Paris, em 20 de Junho de 1820.

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

Sr. MARQUEZ DE MARIALVA.

ILL<sup>mo</sup>. E<sup>mo</sup>. Sr.

Escrevi ontem hum pouco á preça por querer dar huma resposta immediata a V. Ex<sup>a</sup>, huma ves que o não achasse em caza, aonde fui para ter, e dar huma explicação sobre oque vinha de receber; e como não achei V. Ex<sup>a</sup>. tenho a accrescentar á minha d'ontem; que lendo na carta de V. Ex<sup>a</sup>. com nome d'officio. Que “convindo muito ao “serviço de S. Magestade que tudo quanto “eu tinha revelado a V. Ex<sup>a</sup>. . . . . “tenha hum character official, e seja con- “stante de hum modo formal, ostensivo, “&ç<sup>a</sup>.” Não posso deixar de me admirar cada vês mais, que V. Ex<sup>a</sup>. deixasse escrever similhante peça para assignar; e muito mais que a deixasse dirigir m'a, e que a querer V. Ex<sup>a</sup>. dizer me alguma coiza o não fizesse pela sua propria mam, visto que o que passei confidencialmente com V. Ex<sup>a</sup>. não devia pertencer a escriptura de secretaria!

O que convem a S. Magestade El-Rey N. S. sobre cste objecto, creio, he não fallar muito n'isto, nem parecer se quer dar valor ao que talvez espalhaõ e cabeças esturradas, e apaixonadas de huma familia, que não tem o menor direito ao que lhe querem inculcar



perante o publico ! A minha primeira observação a isto, quando se me mostrou pela 1.<sup>a</sup> vez, foi que era huma incensadela á familia de cadaval, e huma calumnia aos Portuguezes ! digo incensadela, porque ninguem fallava, nem se lembrava de tal familia ; e calumnia, porque os sentimentos da Nação Portugueza para com os seos legitimos Soveranos não tem equivoco algum. Alem de que nem pode convir a S. M. tomarem-se passos offensivos sobre similhante materia ; nem eu sou feito para dclator publico e official dos meos compatriotas ! sejaõ, ou não contrarias as suas ideas das minhas ! e me admira, que quem dictasse a tal carta quizesse confundir oque se fas por generozidade e confidencialmente com oque fas hum esbirro ! Se V. Ex.<sup>a</sup> quer que lhe diga oque nunca me atrevi a dizer lhe por estar anticipado da pouca franqueza, com que me trata, digo lhe, que não só se me confiou a carta, mas até huma outra de Lisboa, emque se recomendava a inserção d'ella. V. Ex.<sup>a</sup> creio não ignora, que S. M. he sciente, há mais de 3 annos, d'esta manobra em Portugal : apparecer isto a publico não fas que dar lhe o apreço, que não mcrece, não só pela absurdidade da coiza, mas porque quando se publicão as conspiraçoes he porisso que se não fazem, ou abortaraõ os planos. Se agora n'esta transação V. Ex.<sup>a</sup> parece ter inimigos, não he falta minha ; pelo contrario fis oque podia, e que talvez outrem tratado com a reserva, como eu tenho sido, não fizesse, para evitar appareccesse em publico, como lhe fis ver ; a paga da parte de V. Ex.<sup>a</sup> não he como se

devia esperar das pessoas da sua classe; isto he; servir-se do favor, e obrigar a que faça hum papel ridiculo e degradante a pessoa de quem se serve!!

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Paris, 21 de Junho de 1821.

H. J. D'ARAÚJO CARNEIRO.

S<sup>r</sup>. MARQUEZ DE MARIALVA.

---

*Extracto da Carta de Mess<sup>es</sup>. Samuel Dobree e Filhos.*

Londres, 6 d'Outubro 1820.

SNR. CAVALHEIRO CARNEIRO:

—Remetemos segundo o costume o Correio Brasiliense eo Campeão cobertos com hum sobrescripto a El-Rey. — Rio de Janeiro — a *South Audley Street*, para se mandarem com os despachos, porem o Cavalheiro Guerreiro nos tornou a mandar o tal embrulho, dizendo que não podia encarregar-se de o mandar.

Vossos obedientes,

S. DOBREE e FILHOS.



Legação Portugueza, 7 d'Outubro 1820.

SENHORES :

Tenho a pedirvos me desculpeis de vos não ter respondido ás eartas, que me tendes dirigido; e igoalmente de vos expliear os motivos que me induzirao a mandarvos outra ves os maços do Senhor Carneiro eujo; earaeter official eu deseonheço.\*

Em quanto as suas eartas, e maços para S. Magestade eu nao tenho tido instruçoens officiaes para os transmetir.

Sou vosso

muito obediente erado,

O CAVALHEIRO DE GUERREIRO!

---

POST SCRIPTUM.

Se o Brazil tivesse em 1817 huma consti-  
tuição, e que os revolueionarios de Pernam-

---

\* Disto, que dizia o encarregado de Negocios em Londres, que me não conhecia character official, e do Avizo a pag. 32 emque o chefe do partido, assim que chega ao Rio de Janeiro manda annullar a minha nomeaçãõ, se vê isto tudo era d'inteligencia, e accordo entre elles, eque o tal chefe antes de sair de Londres tinha assegurado aos seos corifcos, que me havia annullar a minha nomeaçãõ! O que até tinha assegurado de Lisboa ao Marquez de M.... quem veio dirigido, como presente, o tal Avizo! perguntaria eu agora aos que Lastimaõ o poder limitado d'El-Rey; s'elle não era mais limitado por taes ministros, que pelas côrtes? porquanto estas não o forçãõ a desdizer-se e nao o fazem commeter crimes e injustiças como aquelles!

buco tivessêm sido punidos, segundo as Leys, não teria succeedido o que veêm de succeder com aquelles, que estiveraõ feitos matutos e moutas ! E eis aqui como a salva guarda dos Reys saõ as Leys, e as constituicoens do estado ; e não os ministros, pois que eraõ e forao elles os que protegiao esta canalha, que levarãõ El-Rey ao ponto de se vêr, como se veria à realizarem-se os planos d'aquelles que El-Rey nunea poude vêr (mas que assim mesmo estavao nos primeiros lugares !) os quaes ainda não apprenderaõ com a anarquia, que veêm reinar, há 12 annos, no Rio da Prata com as suas esquentadas ideas de republicanismo. D'aqui póde El-Rey fazer a comparaçaõ : em Portugal estiveraõ 14 annos, como abandonados, e assim mesmo forao precisas muitas circumstancias para se fazer levantar a Naçaõ, a primeira o não quererem sucumbir á mudança da dinastia reinante ! e no Brazil que tinhaõ El-Rey ao pé de si ; nao só em 1817 se fes o que fes, mas até hoje queraõ huma anarquia com o nome de republica ! E isto quem ? os virtuozos cidadaons dos Tarj... dos R. Pinto..., dos L. Jose..., Monsenhores, &c<sup>a</sup>.



## CONCLUZAM.

1º. Que nunca quis estabelecer os meus interesses á eusta dos da Nação e d'El-Rey: os quaes jamais pertendi exular, antes fis todo o possivel por unir.

2º. Que há muito, que eu previa o estado precario, emque se achava Portugal eo perigo, emque El-Rey estava, em se não darem provideneias, aquellas, que o estado da Europa e do seculo exigiaõ.

3º. Que nenhum Soberano ainda governou sobre os Portuguezes com mais dispozição, e fundo para ser hum Grande Rey Constitucional que o Senhor D. Joaõ VI. : mas que por estar eereado de egoistas e maos conselheiros nunca se verificaraõ os meus planos e dezejos, que erao não se vêr obrigado a reeeber, o que podia ter dado.

4º. A honra, que me fes o Conde de Palmella, antes da sua morte violenta a 26 de Fevereiro, declarar ao publico Portuguez no seo eellebre Avizo de 29 de Janeiro, que eu e só eu dos Portuguezes comprehendidos no Corpo Diplomatieo era contrario ás suas ideas e planos anti-naeionaes, e porisso incapas de perteneer a tal corpo.

5º. O poder nominal ou nullo, que El-Rey tinha, e o real e de faeto que a Aristoeraeia possuia, pois que governava a Nação, e El-Rey ordenando em seo nome attentados oppostos á sua conseieneia e devêr.

6º. O jogo que ate fazia na Monarquia nominal esta Aristoeraeia de faeto; tirando hum homem qualquer de hum emprego, por-

